



Pontifícia
Universidade
Católica do
Rio de Janeiro

Eduarda Antonio de Farias

**O que espaços e pessoas contam:
Um estudo sobre o perfil de lugar no jornalismo literário**

Trabalho de Conclusão de Curso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Orientador: Profa. Lilian Saback

Rio de Janeiro,
Dezembro de 2025

*À minha vó, para quem dedico este sonho e
todos os que ainda vou realizar. Te amo além
dessa vida. A gente se encontra por aí.*

Agradecimentos

Há quase quatro anos, descobri que poderia estudar na PUC-Rio e começar o tão sonhado curso de Jornalismo. Naquele 14 de janeiro de 2022, lembro-me de receber o e-mail e gritar pela casa chamando minha mãe, Simone, para contar a notícia. Ela gritou de volta (assustada com meu berro repentino) e logo começou a chorar. Antes disso e desde então, tivemos muitos motivos para deixar as lágrimas caírem, e só a gente sabe. No fim das contas, o que sempre importou foi estarmos juntas, e por isso, acima de tudo, meu primeiro agradecimento só podia ser a ela. Mãe, obrigada pelo esforço e pela parceria, por me ouvir, ensinar e acolher, me dar espaço quando precisei e me trazer para perto quando eu me perdia. Este diploma é para você e por você, que me incentivou e foi além para que eu jogasse o chapéu e segurasse um canudo um dia. Te amo mais do que consigo expressar.

À minha tia Patrícia, te ter como segunda mãe é — e sempre será — um privilégio. Você me guiou nesses quatro anos, e ter seu aplauso, seu carinho e seu apoio é um motivo a mais para agradecer por tanto. Ao meu tio Leandro, obrigada pelos conselhos, pela paciência e por ser, de tantas formas, uma figura paterna na minha vida. Tenho muito orgulho de te chamar de família.

Ao meu avô, Nelson, só posso agradecer por tornar tudo isso possível. Nós sabemos os anos que tivemos e como eu não chegaria a este momento sem você. Infelizmente, a vovó não está aqui com o resto da família, mas conseguimos imaginar a festa que ela faria.

Ao Paulo, peço desculpas pelos (muitos) surtos, e obrigada pela paciência com todos eles. Você é a melhor pessoa que eu poderia encontrar para dividir cada ideia, incerteza e realização. Dos colos aos abraços apertados, das palavras que me garantiam que tudo daria certo à festa que fazíamos quando realmente dava. Ainda bem que meu melhor amigo se tornou, também, meu namorado e parceiro de vida.

Aos meus amigos de casa: sem as pausas e os momentos de leveza com vocês, eu não teria sobrevivido. Tenho muita sorte por ter amizades que me levantam e celebram minhas conquistas com tanta verdade. Saímos da escola juntos e, até hoje, comemoramos os sonhos realizados uns dos outros. Que continue sempre assim — do GL para a vida.

Às melhores companhias de pilotis e sala de aula, o que seria desses quatro anos de PUC-Rio sem vocês? A alegria que sinto por ter tido as pessoas mais talentosas, parceiras e divertidas ao meu lado nessa jornada é imensurável. A saudade dos

estrogonofes, carteados na escada do Leme, trabalhos divididos, projetos sonhados e tantos outros momentos será para sempre. Não teria sido tão especial se não fosse com vocês. Aline, Ana Bia, Angela, Cleo, Coutinho, Gabriel, Luiz, Renata e Ronaldo, obrigada não é suficiente.

Por último, mas definitivamente não menos importante, um agradecimento especial aos professores que transformaram o jornalismo e a comunicação em paixão: Adriana Ferreira, Carmem Petit e Alexandre Caroli. Dentro e fora de sala, dos corredores ao Comunicar, tudo o que aprendi com vocês levarei comigo. As suas aulas mudaram minha perspectiva sobre o que é ser jornalista e alimentaram meu encanto pela profissão como ninguém.

Ao professor Arthur Dapieve, obrigada por me apresentar um lado do jornalismo literário que eu jamais teria compreendido sozinha. A semente que deu origem a esta monografia nasceu em uma de suas aulas e foi regada pelas reflexões de dois semestres de pura imersão na arte e na comunicação. Sigo sendo inspirada por tanto que aprendi com você. Um agradecimento ainda mais especial pela entrevista que tanto colaborou com essa monografia.

À minha orientadora, Lilian Saback, agradeço pelo cuidado e pelo incentivo durante todo o processo. A cada semana, sua mentoria me guiava pelo caminho que terminava aqui: com um trabalho que tive prazer em escrever, do qual me orgulho e que reflete exatamente o sonho que começou lá no início.

Resumo:

Este trabalho investiga uma provocação simples, mas pouco explorada: é possível perfilar um lugar? A partir dos textos "Uma cidade exemplar", de João Moreira Salles, "Nova York: A jornada de um serendipitoso", de Gay Talese, e "Aqui está Nova York", de E. B. White, analiso como cidades podem ganhar voz, memória e até personalidade, tornando-se personas legítimas do jornalismo literário. O estudo revisita a tradição do perfil, de Lima, a Pena e Vilas-Boas, discute seus limites com referências mais recentes, como Carraro e Dapieve, e propõe expandi-lo. Identifico elementos essenciais para transformar um espaço em protagonista e comparo como cada autor ergueu sua cidade a partir de fragmentos humanos. Ao final, demonstro que o perfil de lugar não só é viável, como amplia o repertório do gênero e abre novas janelas para narrar o mundo.

Palavras-chave:

Perfil jornalístico; Jornalismo literário; Perfil de lugar; Revista piauí; Gay Talese

Introdução

No jornalismo literário, o gênero perfil se mostrou multifacetado, com diferentes definições ao longo das últimas décadas – Vilas-Boas (2014) cita "biografia de curta duração" (Weinberg, 1992), "reportagem narrativo-descritiva de pessoa" (Coimbra, 1993) e perfil como apenas o que enfoca a trajetória de vida de um protagonista (Sodré e Ferrari, 1986). Para o propósito desta monografia, não é necessário escolher, e sim compreender o que já é entendido como comum a todas elas: o perfil é um texto narrativo, de natureza autoral, com foco nos pormenores de um biografado e com o papel de gerar empatia (Vilas-Boas, 2014), além de “ajudar a entender quem somos, pelo olhar de espelho compreensivo sobre os nossos semelhantes, célebres ou anônimos” (Lima, 2002, p.96).

O marco inicial do gênero remonta a 1925, quando, já no seu lançamento, a icônica revista *The New Yorker* criou e cultivou o *profile*, nome sugerido pelo repórter James Kevin McGinness para o fundador Harold Ross (Remnick, 2001). A saúde financeira da publicação possibilitou “uma estrutura de amparo aos seus autores sem paralelo na história editorial americana”, como explica João Moreira Salles (2003, p. 144). Mais do que isso, ela dava folga para uma relação diferente com o tempo.

A *The New Yorker* valorizava, acima de tudo, a criação cuidadosa e personalizada dos perfis, que não poderiam ser feitos com um trabalho “de afogadilho, impessoal e computadorizado”, como afirma um dos mais conhecidos jornalistas literários Gay Talese (2024, L. 6070). Assim, o perfil jornalístico constrói-se não apenas a partir da subjetividade dos autores, que imprimem seu olhar na apuração e no estilo, mas também com tempo para construir leituras sociais refletidas por meio de personagens diversos, famosos ou comuns, cuja narrativa usualmente carrega uma dimensão moral oriunda da empatia criada no leitor.

Apesar da crescente produção no âmbito do jornalismo literário, os estudos focados em perfis demoraram a ganhar força no Brasil. Dentro do cenário nacional, uma das primeiras pesquisas a definir a prática do gênero foi Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, em 1986. Desde então, Oswaldo Coimbra aprofundou, Edvaldo Pereira Lima apresentou seu conceito, Sergio Vilas-Boas colaborou e diversos outros ajudaram a corroborar a ideia de perfil. Mais recentemente, alguns trabalhos se aprofundaram ainda mais e serão base desta monografia. Um exemplo é a tese de doutorado de Renata Carraro, “Narrar é preciso: Uma viagem pela teoria e prática do perfil jornalístico”, que oferece

uma visão abrangente do gênero e usa contextos, a História, dados, a polifonia cultural e personagens para “tecer a micro-história do perfil” (2019, p.178).

Ademais, investigações sobre o que é essencial na escrita e na produção de perfis também são frequentes na academia. “O berço material do perfil jornalístico” destaca o “saber escutar” pelo trabalho de Joseph Mitchell em “O segredo de Joe Gould” (1964), e o “saber compreender” de John Hersey em “Hiroshima” (1946) (Carraro; Künsch; Martins, 2020, p.5 e p.10). Em um recorte nacional, a revista piauí ocupa um lugar significativo na literatura acadêmica em direta relação com o jornalismo literário. O percurso histórico da produção, influenciada pela Revista Realidade (1966-1976), as profundas investigações, os métodos de apuração e as características estilísticas representam “na atualidade um dos melhores exemplos brasileiros de prática do perfil jornalístico” (idem, p.2).

Contudo, na academia, pouco se debate sobre as possibilidades de expansão do perfil. O gênero é, de fato, atrelado às pessoas por sua capacidade de verbalização, mas o diálogo com a sociedade, a natureza, os hábitos, a cultura e objetos inanimados também pode gerar um perfil. Parece difícil crer que um campo criativo que une jornalismo e literatura, depois de décadas, não possa se estender ou se aventurar. Sobre um gênero que “é a arte da interpretação, nem o céu é o limite”, nas palavras do professor Dr. Mateus Yuri Passos (Carraro, 2019, p. 100), pouco se sabe do que seria o perfil de um lugar.

Desvendar essa alternativa se tornou não só uma curiosidade, mas um propósito para o enriquecimento do campo. Portanto, as perguntas que orientam a presente monografia são: O que o jornalismo literário precisa para transformar um lugar em personagem vivo de um perfil? Qual a relevância do perfil de um lugar? Quais seriam os elementos base para escrevê-lo? Existem textos que provam essa possibilidade?

Diante desse contexto, este trabalho tem como objetivo identificar que características tornam um lugar apto para ser perfilado, descrever como tal texto seria escrito e analisar os que podem ser raízes do “gênero”. Para isso, foi escolhido explorar “Uma cidade exemplar”, de João Moreira Salles, publicado na Edição 145 da revista piauí em outubro de 2018, “Nova York: A jornada de um serendipitoso”, de Gay Talese, parte do livro “Fama e Anonimato” (2024) e “Aqui está Nova York”, de E. B. White (2002). Busca-se ainda avaliar, a partir de entrevistas semiabertas (Duarte; Barros, 2005) com autores e jornalistas, o real potencial desse tipo de produção.

A monografia foi estruturada em etapas. No primeiro momento, em “Por que um lugar?” exploro o potencial desse recorte do perfil jornalístico em direta ligação com os critérios que já existem para perfis de pessoas. Em seguida, separo elementos essenciais à pré-produção e construção desse estilo de texto em “Liberdade estilística” e “Denominador comum”. Em “Nós: humanização e personalidade”, me aprofundo nos objetos selecionados para detalhar como o perfil de cidade está atrelado à empatia por meio dos entrevistados e personagens — sem torná-los protagonistas ou perfilados. Por fim, em “Os detalhes que ninguém inventa”, destaco como a minúcia, assim como nos perfis de pessoas, demonstra a profundidade do trabalho do jornalista e traz pequenas observações que incrementam a narrativa.

1. Por que um lugar?

Contradicoriatamente, opto por iniciar esta análise pelo “outro lado”: o jornalismo diário. É quase intuitivo reconhecer a relevância do cenário na produção de notícias cotidianas. Diante de um tiroteio, de um show, de uma eleição, de um novo recorde esportivo ou mesmo do aparecimento de baleias no mar, buscamos saber onde. Aos jornalistas, basta remeter à pirâmide invertida para compreender a necessidade de destacar o local, um dos seis elementos fundamentais do lide, ao lado de “o quê?”, “quem?”, “quando?”, “por quê?” e “como?” (Pena, 2005). Entretanto, para além da função informativa de situar o leitor, o local também carrega um significado simbólico e individual, perceptível quando se dá um passo atrás.

Rio de Janeiro. O que vem à mente? Praia, Corcovado, assaltos, MPB, Maracanã, trâfico, o calçadão de Copacabana? Alguma combinação, talvez, entre esses elementos? Paris. Torre Eiffel, baguetes, croissants, vinho, museus, alta gastronomia, Paris Saint-Germain?

A mera menção a um nome próprio geográfico é suficiente para evocar um conjunto de imagens mentais — muitas vezes estereotipadas — que, ainda assim, conferem sentido e identidade ao lugar no imaginário coletivo. Assim como as pessoas, os locais possuem representações próprias que contribuem para o contexto da notícia. No jornalismo diário, por exemplo, um homicídio no Rio de Janeiro não causaria o mesmo efeito em um município remoto e pouco mencionado nos noticiários, como Caculé, na Bahia. O primeiro evocaria um repertório já consolidado no leitor; o segundo,

possivelmente, estranhamento e surpresa — o que ocorreu, em maio de 2025, quando um homem matou o próprio pai na cidade baiana, após uma briga sobre gado¹. Países, estados, cidades, bairros e até mesmo ruas e edifícios carregam uma identidade simbólica que os distingue — tal como os indivíduos.

Para ilustrar essa lógica de representação, é possível pensar na figura de Frank Sinatra. Ele poderia ser descrito como uma das vozes mais icônicas da música estadunidense, um ítalo-americano carismático que marcou gerações com seus clássicos, sua trajetória no cinema e suas relações amorosas. Essa seria uma caracterização factual e genérica, equivalente àquela que associa o Rio de Janeiro ao calor, ao futebol e à música. Um resumo que captura, mas não esgota, a essência do retratado.

Mas não foi assim que o jornalista Gay Talese o descreveu no perfil “Frank Sinatra está resfriado”, publicado na revista *Esquire*, em 1966. Embora Sinatra seja o protagonista, o perfil não se estrutura em torno de sua carreira ou de suas composições, mas do impacto de um simples resfriado sobre todos à sua volta, um detalhe aparentemente bobo que revela a magnitude de sua presença.

Sinatra resfriado é Picasso sem tinta, Ferrari sem combustível – só que pior. Porque um resfriado comum despoja Sinatra de uma joia que não dá para pôr no seguro – a sua voz – minando as bases de sua confiança, e afeta não apenas seu estado psicológico, mas parece também provocar uma espécie de contaminação psicossomática que alcança dezenas de pessoas que trabalham para ele, bebem com ele, gostam dele, pessoas cujo bem-estar e estabilidade dependem dele. Um Sinatra resfriado pode, em pequena escala, emitir vibrações que interferem na indústria do entretenimento e mais além, da mesma forma que a súbita doença de um presidente dos Estados Unidos pode abalar a economia do país (Talese, 2024, L. 2938).

Nas mãos de Talese, que não chegou a entrevistá-lo, Sinatra deixa de ser apenas números de discos vendidos ou ingressos esgotados. Ele se transforma em persona, revelada na intimidade dos detalhes observados pelo jornalista: poderosa, influente e dominante, mesmo em vulnerabilidade. O perfil, portanto, constitui um recorte. Não apenas por ser construído a partir de fontes secundárias, mas também pela intenção narrativa do autor. Como observa Silva (2009, p. 6): “Ao contrário das biografias, o gênero perfil tem se consagrado por retratar narrativas sintéticas sobre trechos da vida de

¹ Disponível em <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2025/05/09/briga-por-gado-provoca-morte-em-cacule.ghtml>. Consultado em 04/10/2025.

um personagem; não é importante relembrá-la por completo, mas transcrever apenas algo que a ponha em parâmetro perfilável”.

Se Sinatra, uma figura complexa com um elemento principal mais conhecido (sua fama) pode ser reinterpretada sob múltiplos ângulos, por que não um lugar? O jornalismo literário, ao explorar a profundidade humana de uma personalidade, também pode lançar luz sobre a alma de um espaço. Assim como Talese revelou Sinatra por meio de um detalhe mínimo, talvez seja possível compreender uma cidade, um bairro ou uma paisagem a partir de um recorte específico, dotado de sensibilidade narrativa e significação simbólica.

1.1 Recorte de um não instante

Nova York é a “selva de pedras” (Jay-Z, 2009), uma “cidade que nunca dorme” (Ebb, 1977) e tem “pessoas descendo pelo chão, edifícios indo até o céu” (Dylan, 1962). Oitava cidade mais visitada do mundo por estrangeiros em 2024², é também a mais populosa dos Estados Unidos, com mais de 8,4 milhões de habitantes³, além de constituir um dos cartões-postais mais reconhecíveis do país e cenário recorrente de produções cinematográficas. Ainda assim, Gay Talese escolheu iniciar seu perfil não pela imagem globalmente conhecida da cidade, mas justamente pelo que nela passava despercebido.

Nova York é uma cidade de coisas que passam despercebidas. É uma cidade que tem gatos dormindo debaixo dos carros, dois tatus de pedra que escalam a catedral de St. Patrick e milhares de formigas que rastejam no alto do Empire State Building. As formigas provavelmente foram levadas para lá pelo vento ou pelos pássaros, mas ninguém sabe ao certo; ninguém em Nova York sabe mais sobre as formigas do que sobre o mendigo que toma táxis para o Bowery; ou sobre o homem alinhado que retira lixo dos latões da Sexta Avenida; ou sobre o médium das imediações da rua 77 Oeste que afirma: “Sou clarividente, clariaudiente e clarissensorial” (Talese, 2024, L. 110).

Em 1960, o jornalista norte-americano iniciou um ensaio sobre os anônimos, “fatos estranhos e acontecimentos bizarros” (idem, L. 47) da cidade, que despertaram seu interesse enquanto caminhava pelas ruas. Depois de publicá-lo na *Esquire*, Talese lançou uma versão ampliada, como livro ilustrado, pela editora Harper & Row, em 1961, com o

² Disponível em <https://casavogue.globo.com/lazer-e-cultura/viagem/noticia/2024/08/cidades-mais-recebem-turistas-mundo.ghtml>. Consultado em 04/10/2025.

³ Disponível em: <https://www.census.gov/popclock/>. Consultado em 04/10/2025.

título “Nova York: A jornada de um serendipitoso”. A coletânea de vinhetas, como o próprio definiu no prefácio do livro “Fama e anonimato”, constroem um retrato da Nova York do acaso: “Dotado de sorte casual que favorece descobertas inesperadas; diz-se das descobertas ou quaisquer acontecimentos ocorridos casualmente, caracterizados pela serendipidade”⁴ (ibidem).

O propósito de Talese, portanto, não era retratar o lado artístico, político, empresarial, *fashion* ou turístico da metrópole, mas encontrar na vastidão urbana suas miudezas — elementos ínfimos e cotidianos que oferecem novas formas de compreender o que Nova York é e representa.

Ele representa minha visão juvenil de Nova York, dinamizada por uma mistura de admiração e espanto, e me lembra também de quão destrutiva uma cidade pode se tornar, quanto ela promete muito mais do que pode cumprir, e de como estava certo E. B. White quando escreveu, muitos anos atrás: “Ninguém deve vir morar em Nova York a menos que esteja disposto a ter muita sorte” (idem, L. 51-53).

Talese estrutura seu perfil em seções que revelam diferentes dimensões da cidade: Nova York é uma cidade “de coisas que passam despercebidas” (idem, L. 110); “de anônimos” (idem, L. 353); “de personagens” (idem, L. 566); “de profissões estranhas” (idem, L. 810) e “dos esquecidos” (idem, L. 1253). A partir desses recortes, o autor apresenta uma cidade oculta — aquela que se esconde na “selva de pedras”. É evidente, ao longo da leitura, que não se trata do perfil de um indivíduo específico, mas de uma construção coletiva, na qual as vozes dos anônimos funcionam como janelas abertas para a paisagem maior delineada pelo jornalista.

Os relatos e observações reunidos por Talese compõem, assim, um perfil da própria cidade: um retrato simbólico e momentâneo que permite ao leitor do século XXI compreender a dimensão humana e histórica da metrópole dos anos 1960. Nesse sentido, pode-se relacionar a proposta de Talese ao que Carraro aponta sobre a função contextual do gênero perfil: “dentro de uma situação histórica específica, os perfis que se escrevem nos auxiliam também na construção do perfil de uma época, nos ajudam a entender melhor os contextos em que essas narrativas nascem” (2019, p. 24). A ideia proposta pela jornalista se torna concreta também em outro perfil de Nova York, muito diferente do de

⁴ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=131vE>. Consultado em 04/10/2025.

Talese por razões que serão exploradas, mas ainda um retrato perfeito com uma perspectiva específica da cidade.

A obra “Aqui está Nova York”, de E. B. White (2002), se diferencia por ser uma viagem do autor por ruas que ele próprio já conhecia. Caso não tivesse se afastado da metrópole por um período, seu estranhamento das mudanças que o tempo trouxe nunca teria acontecido e, portanto, seu texto jamais escrito.

Como explica Roger Angell, ensaísta, enteado do autor e filho da primeira editora mulher da *The New Yorker*, Katharine White⁵, no prefácio da obra: “foi para ele uma oportunidade de revisitar a si próprio enquanto jovem: um aspirante a escritor, começando a vida na Nova York dos anos 1920, solitário, mas ‘quase febril’ pela excitação de viver na mesma ilha que Heywood Broun, Robert (...)” (2002, p. 10). Apesar disso, “o artigo também ecoa solidão, isolamento e a sensação de algo que se perdeu: os grandes jornais, o jovem intelectual e sua namorada sussurrando juntos em um reservado de restaurante, a lembrança dos speakeasies” (idem, p. 11).

O leitor descobrirá que certas observações já não aplicam à cidade, devido à passagem do tempo e ao balanço do pêndulo. Escrevi-o não apenas durante uma onda de calor, mas também de euforia. O calor diminuiu, a euforia diminuiu, e Nova York já não parece agora tão febril como quando o artigo foi escrito. O Hotel Lafayette, mencionado de passagem, passou desta para melhor, apesar da menção. Mas a febre característica de Nova York não se alterou muito, e não me preocupei em revisar o texto para atualizá-lo. Para se manter atualizado sobre Nova York, o escritor teria de ser publicado à velocidade da luz — e nem mesmo a [editora] Harper é tão rápida. Sinto que é obrigação do leitor, não do autor, atualizar-se sobre Nova York; e confio em que isso será mais um prazer que uma obrigação (White, 2002, p. 17).

A noção de perfilar o momento histórico do “inumano” encontra eco na análise de Tiago Amate (2013) do texto “O Muro de Berlim”, de Mark Arnold-Forster, publicado pelo jornal *The Observer* em 26 de novembro de 1961. Embora a obra não tenha sido originalmente classificada como um perfil, Amate argumenta que suas características a inserem nessa categoria. Se entendemos e aceitamos, como já dito, a definição de perfil como “um texto narrativo curto, de natureza autoral, com foco nos pormenores de um biografado e com o papel de gerar empatia (Vilas-Boas, 2014) e ‘ajudar a entender quem somos, pelo olhar de espelho comprensivo sobre os nossos semelhantes, célebres ou

⁵ Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/1996/02/26/katharine-white-profile-lady-with-a-pencil>. Consultado em: 12/10/2025.

anônimos' (Lima, 2002, p.96)", não é difícil perceber que tais atributos também se aplicam ao relato de Forster.

Forster acompanha o muro pela cidade, relatando histórias dos alemães que ficaram divididos, às vezes separados da própria família, e se arriscaram para passar para o outro lado. (...) A humanização da narrativa centralizada no Muro de Berlim fica por conta das histórias dos cidadãos divididos e do contexto de repressão soviética – casos humanos que reforçam o contexto dramático e isolante do paredão a dividir a cidade e as relações ali estabelecidas. O muro é o recorte da instabilidade que guia toda a narrativa, centrada nos aspectos de separação e austeridade dos militares soviéticos. O anonimato dos adjuvantes, aliás, é o que evidencia o muro como fio condutor das histórias humanas (verdadeiro plano de fundo) (...) O 'perfil' do Muro de Berlim surge e se sustenta, portanto, nas histórias paralelas e na descrição de um protagonista não humano, que centraliza a narrativa num momento específico: a divisão de Berlim em duas (Amate, 2013, p. 82).

Por meio de uma história recortada, selecionada entre diversas outras, Forster, White e Talese desenham um cenário maior que seu próprio foco. Enquanto falam de um momento histórico, uma percepção e um estranhamento, respectivamente, os autores revelam um escopo mais amplo, que representa as cidades como um todo. O perfil pode parecer ser de um instante específico, como uma foto, no entanto, esclarece para o leitor uma visão abrangente dos lugares que explora e se revela irrestrito — um recorte de um não instante.

1.2 O peculiar

Apresentar uma nova faceta de uma cidade amplamente conhecida, à semelhança do que se faz com celebridades, foi uma das possibilidades que proponho para o perfil jornalístico de lugares. Além dessa perspectiva, comparo também o ato de perfilar anônimos à tarefa de revelar endereços desconhecidos ou pouco explorados — sempre sob o requisito, se assim posso denominar, da peculiaridade. Retomo, nesse contexto, o trabalho de Joseph Mitchell, "O Segredo de Joe Gould", publicado originalmente na *The New Yorker*, em 1964, e traduzido pela Companhia das Letras, em 2004. A obra, considerada um clássico do jornalismo literário ao lado de "Nova York: A jornada de um serendipitoso", traça o perfil de "uma alma perdida chamada Joe Gould" (Mitchell, 2003, p. 3).

O livro reúne dois textos de Mitchell sobre o mesmo personagem: “O Professor Gaivota”, publicado em dezembro de 1942, e “O Segredo de Joe Gould”, dividido em duas partes e publicado em setembro de 1964. Gould é descrito como um “homenzinho esquisito” (idem, p. 23), pobre e desempregado crônico, que chegou a Nova York em 1916 e sobreviveu precariamente por mais de três décadas. Alegava ser descendente de uma antiga família da Nova Inglaterra — “os Gould já eram os Gould quando os Cabot e os Lowell eram marisqueiros” (ibidem) —, estudou em Harvard, mas relatava nunca ter se sentido à vontade em sua cidade natal. Foi apenas em Nova York, sobretudo no bairro de Greenwich Village, entre “maníacos, desajustados, os que têm só um pulmão, os que já foram alguma coisa na vida, os que poderiam ter sido, os que gostariam de ser, os que nunca serão e os que só Deus sabe” (ibidem) que afirmou finalmente sentir-se em casa.

À primeira vista, a história de Joe Gould poderia parecer desprovida de relevância jornalística, tratando-se de um anônimo nova-iorquino. No entanto, Mitchell encontra no desconhecido o potencial para um perfil arrebatador e emocionante. No posfácio do título, o fundador da revista piauí, João Moreira Salles, destaca o trabalho que o jornalista americano dedicava a ouvir as pessoas e, mais do que ninguém, Joe Gould, chegando a escutá-lo falar por mais de dez horas seguidas (2003, p.122).

Brum observa que o olhar atento do repórter é capaz de “revelar o insurgente no ordinário”, pois a rotina tende a banalizar “o milagre do que cada vida é”. Para a autora, o encanto de sua obra, “A vida que ninguém vê”, reside precisamente em narrar “os dramas anônimos como os épicos que são, como se cada Zé fosse um Ulisses, não por favor ou exercício de escrita, mas porque cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida, uma ‘Odisseia’” (2006, p. 187).

Salles reconhece que o fascínio de Mitchell por Gould nasce de uma afinidade essencial: ambos desejavam escutar o mundo.

Joe Gould teve uma súbita revelação ao tropeçar na seguinte passagem de um livro de W. B. Yeats: “A história de uma nação não está nos parlamentos e nos campos de batalha, mas no que as pessoas dizem umas às outras em dias de feira e em dias de festa, e na maneira como trabalham a terra, como discutem, como fazem romaria”. Quando terminou de ler a frase, Gould soube o que iria fazer pelo resto da vida: escutar as pessoas — nas ruas, nos bares, nos banheiros, no metrô, à noite, de dia, de madrugada, frente a frente, atrás das portas, propositalmente, sem querer — e em seguida reunir todas as falas num livro monumental intitulado *Uma história oral de nossa época* (...)

Mitchell não poderia deixar de se interessar por alguém que, como ele, desejava escutar o mundo. Era o personagem perfeito (2003, p. 122).

Gould, com sua excentricidade e ambição desmedida diante das condições precárias em que vivia, representava o anônimo ideal para ser perfilado. Uma figura marginal, mas dotada de uma singularidade que só um olhar atento poderia transformar em literatura. Mitchell encontrou em sua trajetória uma joia bruta, uma história perdida e escondida na imensa Nova York, e a lapidou em um dos perfis mais consagrados do jornalismo literário. Lima descreve essa capacidade do repórter de transformar o banal em significativo.

O texto descortina uma realidade que diz tudo por si mesma. O narrador não precisa forçar o entendimento do leitor com reflexões. Basta exercer sua nobre função de repórter arguto, atento. Uma qualidade cujo olhar não se limita a celebridades. Pousa também com curiosidade, com empatia, afetuosamente, sobre figuras anônimas. E não apenas indivíduos. Abarca no escaneamento de compreensão da realidade grupos sociais inteiros (2002, p.97).

Mas e quanto aos lugares? Como perfilar suas peculiaridades? Mitchell, com seu olhar afiado e “um carinho especial pelas bizarrices da vida — foi sobre uma mulher barbada que escreveu um de seus perfis mais comoventes” (Salles, 2003, p.112) aplicou a mesma sensibilidade em outras obras. “Um de seus textos mais conhecidos — “*The old house at home*”, publicado originalmente em 1940 na revista *The New Yorker* — é um perfil do mais antigo saloon de Nova York” (idem, p.113), escreve Salles, que depois indica como “a primeira colaboração de Mitchell na revista é um perfil da pequena cidade de Elkton, no estado de Maryland, onde se celebravam mais casamentos do que em qualquer outra cidade americana” (idem, p.116).

No contexto nacional, o próprio João Moreira Salles, além de reconhecer a possibilidade de se escrever o perfil de uma cidade à maneira de Mitchell, produziu um exemplo notável: “Uma cidade exemplar”, publicado na piauí em 2018. Durante as eleições presidenciais, o autor identificou e destacou na capa da edição como o município mineiro de Três Corações “sintetiza os dramas políticos do país”⁶. Com cerca de 80 mil habitantes à época, a cidade no sul do estado tinha “proporção entre homens e mulheres, seja no grau de escolaridade, na distribuição etária ou na participação dos cidadãos na

⁶ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/edicao/145/>. Consultado em: 04/10/2025

atividade econômica, (...) [que] espelha quase à perfeição a média do eleitorado brasileiro” (Salles, 2018).

Em uma viagem por Três Corações, Salles não só observa e descreve fisicamente detalhes do cenário que auxiliam no retrato do momento (pense em uma fotografia), como também seleciona os personagens que representam o recorte que buscou. Ao longo do perfil, o jornalista ouve pessoas e explora instituições — prefeitura, imprensa, sistema de educação, comércio, empresários, associações — que refletem a polarização política do país e constroem um perfil de Três Corações passível de comparação com o Brasil. A peculiaridade da cidade é ser tão pequena e representar tanto ao mesmo tempo, com sua simbologia de “pequeno Brasil”. Dapieve comenta que a escolha dos personagens foi decisiva para o equilíbrio narrativo.

O João usa a cidade como um microcosmo do Brasil, exatamente os cortes onde Três Corações representa o momento do país. Aquelas pessoas falam pela cidade e aquela cidade fala pelo Brasil. Claro que uma escolha diferente de personagem geraria pequenas mudanças, mas podia não dar liga da mesma forma. Tenho certeza de que aqueles personagens são os que ele selecionou porque muitos outros poderiam aparecer e talvez até quisessem aparecer. Mas ele teve que deixar de lado porque não dava liga direito na história dele, como, na verdade, é o trabalho do documentarista. (Dapieve, 2025)⁷.

A precisão do retrato de Salles, contudo, ultrapassa a simples peculiaridade. Em 2013, Três Corações viveu um episódio marcante: a Operação Metástase 57, deflagrada pela Polícia Federal, prendeu 37 pessoas em um único dia e, nos meses seguintes, indiciou 59 em investigação sobre desvio de recursos públicos. O episódio, como observou o autor, foi um “espetáculo” — “180 agentes levando os poderosos da cidade, de políticos a empresários, presos de suas casas, algemados para a cadeia, não sem antes desfilar com eles pelo centro” (Salles, 2018). E, nas palavras de seu entrevistado Victor Hugo Rena Pereira, titular da 3^a Promotoria de Justiça da cidade, “é um divisor de águas (...), uma mola propulsora da cidadania (...). A Metástase está para Três Corações assim como a Lava Jato para o Brasil, com a diferença de que a Metástase é anterior” (idem).

A analogia com o trabalho de Amate (2013) é inevitável. Um trecho de sua pesquisa caracteriza um perfil da rodoviária Plano Piloto, em Brasília, “Plataformas de

⁷ Entrevista concedida via Zoom no dia 22 de setembro de 2025

histórias candangas e concreto” (Guerrero, 2012), de uma forma que se encaixa perfeitamente com a minha visão de “Uma cidade exemplar”.

A rodoviária, portanto, abandona o status de ambiente para se tornar uma representação alegórica da qual se comenta e sobre a qual se anexam os fatos cotidianos. A mudança desse caráter, porém, não afeta a compreensão do leitor, que entende que a rodoviária possui um universo à parte, próprio e único, mas não vive. Daí a técnica de centralizar o objeto, para fazer funcionar a focalização de um ser inanimado sem prioridade por um acontecimento (ação) – exigido para a notícia ou a reportagem – ou por uma pessoa (relato biográfico). (...) O contexto, dotado das circunstâncias e referências históricas, produz uma compreensão do todo, de como funciona o universo da rodoviária. Esse fator, reforçado pelas histórias paralelas das pessoas que ali vivem, atribui, indiretamente, qualidades à rodoviária (Amate, 2013, p. 60).

O paralelo entre “Plataformas de histórias candangas e concreto” e “Uma cidade exemplar” ilustra o potencial do perfil jornalístico de lugares: revelar o humano por meio do inumano, e o coletivo por meio do particular.

2. Liberdade estilística

Não é objetivo desta monografia oferecer um manual sobre como escrever o perfil de um lugar. O jornalismo até pode se apoiar em certas “leis”, mas a presença da literatura torna complexa qualquer tentativa de delimitação. Ainda assim, esta pesquisa propõe analisar um recorte pouco explorado pela academia, buscando possibilidades do jornalismo literário.

A mania de discutir gêneros é muito antiga. Os intelectuais gostam de classificar as coisas, inventar nomes e fingir que têm domínio racional sobre o mundo. Ao dividir tudo em compartimentos, têm a ilusão de que podem controlar a natureza. (...) Não existe, entretanto, forma mais eficiente de aprofundar o estudo de qualquer assunto. (...) Por mais paradoxal que pareça, quando faço um recorte sobre um tema estou multiplicando as possibilidades reflexivas sobre ele, pois minha metodologia promove questões que podem servir para incentivar a criação de novos métodos, que promovem outras questões, e assim por diante. A pertinência de qualquer pesquisa está nas perguntas, não nas respostas (Pena, 2007, p.52-53).

Existe entre os acadêmicos um certo receio em reconhecer o novo. O jornalista Sergio Vilas-Boas, por exemplo, rejeita a ideia de perfilar algo que não seja uma pessoa: “A palavra perfil tem sido usada indiscriminadamente. Colocam-na antes de qualquer

coisa. Mas, para mim, jornalisticamente falando, não existe perfil de cidade, perfil de bairro, perfil de um edifício, (...) o ponto de vista é sempre humano" (2014).

Em entrevista, Arthur Dapieve admite acreditar que a academia costuma estar “a reboque dos fatos”. Ele recorda que, em seus tempos de estudante, a televisão era vista como uma “aberração” que não merecia atenção: “Televisão brasileira? Com tantas coisas importantes, sociais a serem faladas?”, conta o jornalista. Apesar disso, o professor parece compartilhar uma visão próxima da minha: limitar o jornalismo literário não é o caminho. “Como se apegar na palavra perfil e ficar no ‘só pode ser pessoa’, se uma cidade tem tantos perfis e ângulos que a torna múltipla e fragmentada. Às vezes, um jornalista literário pega uma pessoa e, a partir dela, ergue um monumento ao que está em torno”, defende.

Os três textos escolhidos para sustentar a tese deste trabalho não foram selecionados por acaso. “Uma cidade exemplar”, “Nova York: A jornada de um serendipitoso” e “Aqui está Nova York” apresentam diferenças entre si, detalhes próprios que acompanham o estilo do autor, como o jornalismo literário permite em sua premissa. Enquanto Salles e Talese escutam os mais diversos moradores das cidades que resolveram explorar, E. B. White só abre aspas para o que ouviu sem querer ou, mesmo que tenham dito diretamente a ele, para o que complementa suas observações. Os caminhos trilhados por esses autores só se tornam possíveis quando se abandona a lógica urgente do jornalismo diário. Tanto a originalidade quanto a capacidade de oferecer leituras alternativas do real dependem, em alguma medida, de uma fuga dos padrões da mídia tradicional.

É uma limitação terrível: a que impõe a perseguição do furo. Para ser o primeiro a ver e a fazer ver alguma coisa, está-se disposto a quase tudo, e como se copia mutuamente visando a deixar os outros para trás, a fazer antes dos outros, ou a fazer diferente dos outros, acaba-se por fazerem todos a mesma coisa, e a busca da exclusividade, que, em outros campos, produz a originalidade, a singularidade, resulta aqui na uniformização e na banalização (Bourdieu, 1997, p. 27).

Para descrever Três Corações, Salles parece conversar com seus entrevistados basicamente sobre a história do lugar e as experiências de cada um, unindo fatos e empatia em um perfil curioso. A partir desses registros, retira o que o interessa para o recorte político que limitou, transformando pessoas em meios de contar essa história e recheá-la de sentimento e realismo, diferente do jornalismo diário, que privilegia objetividade.

Talese faz diferente: se esgota de histórias pessoais e as intercala com fatos mais do que estranhos para criar uma imagem dos segredos encontrados ao acaso por Nova York. Raramente, porém, seus personagens mencionam a cidade como causa direta de suas experiências. É a maneira com que o jornalista os seleciona e organiza que constrói a ideia: mas é claro que isso só poderia ser vivido em Nova York.

Já E. B. White fala sobre as pessoas, pouco com elas. Observa seus comportamentos e as mudanças que causaram na cidade como foco em sua narrativa, guiando o leitor por um percurso que começa no hotel em que se hospedou e termina nas ruas da metrópole. Ainda, traz seu ponto de vista de forma mais que literal. Pedaços da própria história se entrelaçam com Nova York de tal maneira que o autor se torna também um “personagem-janela”, por qual o leitor enxerga a cidade como vista final.

A revista *piauí* não chega a classificar “Uma cidade exemplar”; no prefácio de “Fama e anonimato”, Talese afirma que “Nova York: A jornada de um serendipitoso” surgiu de um ensaio e, na contracapa de “Aqui está Nova York”, o romancista John Updike usa o mesmo termo para se referir ao texto. As “classificações” são, no mínimo, genéricas. À exceção da obra de Salles, considerar os demais textos como ensaios não parece uma definição exata. Acredito — e aqui reside parte do propósito desta monografia, ao propor uma teorização sobre o perfil de lugar — que tanto os autores quanto seus pares recorreram a essa nomenclatura pela ausência de regras fixas no jornalismo literário e, consequentemente, pela falta de uma expressão mais precisa.

“O ensaio não dispõe de preceptivas, nem conta com instruções de uso, digamos que ele nasce da reflexão, combinada ao exame atento de outros ensaios” (Chauvin, 2023). Ainda assim, embora os textos analisados proponham uma reflexão, não parece que Salles, Talese ou White tenham partido de outros ensaios, tampouco abandonado as bases da reportagem — sempre presentes nos perfis. Os fatos permanecem, assim como a busca por uma perspectiva singular e, de certo modo, noticiosa.

As três publicações entram em um limbo do jornalismo literário — um guarda-chuva aberto nos Estados Unidos durante os anos 60 e que continua, até hoje, pouco consolidado, limitado ou regrado na academia. Não que precise ser. É justamente sua falta de delimitações que abre as portas para uma liberdade estilística presente em todas as suas obras, permitindo com que flutuem pelos gêneros sem se fixar (ou necessitar se fixar) em ponto algum.

A dificuldade de classificar tais relatos em perfil ou reportagem (por isso a escolha híbrida) é o fato de o elemento principal do texto se revezar como protagonista, centro da narrativa, e como apenas um cenário; pretexto para narrar histórias humanas e se deter às ações e acontecimentos, não ao personagem central. Gay Talese está o tempo inteiro negociando com esses conceitos. (...) Isso demonstra que restringir o conceito de perfil, segregado no caráter individual e humano de personagem centralizado narrativa, pode significar um equívoco perante a própria historiografia do gênero, lapidada na arbitrariedade das experimentações estilísticas dos repórteres norte-americanos, especialmente em *The New Yorker* (Amate, 2013, p.99).

Os perfis, sejam de pessoas, sejam de lugares, muitas vezes se confundiram, e continuarão se confundindo, com outras denominações. Faz parte da literatura e, portanto, faz parte do jornalismo literário. Neste trabalho, defendo que podem, sim, continuar a serem chamadas de ensaios. No entanto, se houvesse um Diagrama de Venn (1880)⁸ dessa especialização, destacaria que algumas obras possuem potencial e semelhanças suficientes para formar uma interseção própria: a dos perfis de lugares.

2.1 Estranhamento no olhar

A liberdade estilística do jornalismo literário é tamanha que as semelhanças entre obras dentro de seu escopo começam antes mesmo do texto ser escrito. Entre esses pontos de convergência, há um elemento fundamental na construção do perfil de um lugar que antecede a redação: o estranhamento presente no olhar do autor. Na tentativa de identificar o que leva alguém a ser capaz de retratar um espaço de forma literária, perguntei a Arthur Dapieve o que ele considerava essencial nesse processo. Sua resposta não apenas me surpreendeu por coincidir com o que observei na “pré-produção” das obras analisadas nesta pesquisa, mas também por evidenciar a própria subjetividade que define o jornalismo literário.

Eu acho que entender que nunca conhecemos um lugar. Parte da graça do E. B. White está nele ser muito familiarizado com Nova York. Mas, no livro, ele está em uma Nova York que já não era bem a dele. No caso do Talese, são sempre as pessoas que ele não entende. Ele diz que nunca quis ser correspondente estrangeiro porque os Estados Unidos são estranhos o bastante para ele. No caso do João, que não era tricordiano, ele se porta como se fosse um antropólogo em Marte (Dapieve, 2025).

⁸ Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/article/venn-diagrams-history-and-popularity-outside-of-math-explained/>. Consultado em 12/10/2025.

As palavras do professor resumem com precisão porque o estranhamento se aplica a “Uma cidade exemplar”, “Nova York: A jornada de um serendipitoso” e “Aqui está Nova York”. Se traçarmos um paralelo com os perfis de pessoas já mencionados, a capacidade de Joseph Mitchell de “desligar-se” de sua perspectiva cotidiana, a que provavelmente passaria por Joe Gould e nem mesmo o notaria, é um ótimo exemplo. Há, no jornalista, uma necessidade constante de deixar a imagem consolidada de um lugar ou de uma pessoa (seja o sucesso de Sinatra, seja o próprio anonimato de um desconhecido) e buscar novas abordagens.

O exercício de “estranhar” varia. João Moreira Salles, por exemplo, adota o olhar estrangeiro de alguém que provavelmente nunca havia ido em Três Corações. Se foi, não transpareceu no texto. A minucia de suas descrições e os ângulos que encontra para analisar as esferas políticas revelam, por meio dos personagens, uma curiosidade genuína e até uma certa surpresa. O documentarista percorre os extremos: dos governistas à oposição, do passado ao presente, do poder público ao privado, dos jovens aos octogenários.

O poder e as relações com o poder estão em toda parte. Uma pessoa que atravesse a cidade notará o que se decidiu celebrar ali. Mais do que a paisagem, a ciência, as artes ou a atividade econômica, o que se homenageia são os políticos, boa parte deles locais. As artérias mais importantes da cidade levam seus nomes (...). A distância entre um cidadão tricordiano e seu prefeito é muitíssimas vezes menor do que a que separa um paulistano do ocupante do Edifício Matarazzo. Na cidade mineira, prefeitos e ex-prefeitos são vistos pelas ruas com frequência banal. Vê-se o poder, toca-se o poder, e no entanto o poder é para poucos. Ao ser indagado se há renovação na política da cidade, um morador respondeu assim, referindo-se ao atual prefeito, Cláudio Cosme Pereira de Souza, e ao antecessor, Fausto Ximenes: “Tem, sim. O Cláudio é bonito e o Faustinho é feio.” Não parecia estar sendo irônico (Salles, 2018).

O estranhamento de Gay Talese, como destacou Dapieve, voltava-se às próprias pessoas que o cercavam. Como diria Carraro, citando Brum, “opta-se, e não é sem dificuldade e sofrimento, por se libertar da ‘domesticação’, escolhe-se um olhar como se escolhe um personagem cuja história se há de contar, como se escolhem detalhes ou ‘retalhos’ da vida de um personagem” (2019, p.92). Talese conhecia Nova York profundamente, mas precisou reajustar o olhar para redescobrir a cidade e explorar suas singularidades. E não foram poucas as que encontrou.

Acontecem coisas em Nova York que provavelmente não acontecem em nenhum outro lugar. Todos os dias têm gente que comparece a um consultório de psicodrama na rua 58 para gritar e esbravejar contra dois bonecos mascarados encostados na parede; os bonecos representam patrões (Talese, 2024, L. 571).

“No número 608 da rua 48 Oeste, pode-se alugar um leão a 250 dólares por dia, e no 410 da 47 Oeste alugam-se esqueletos de verdade a 35 dólares por dia” (idem, L. 576).

Nova York é uma cidade doida, encantadora, totalmente fora do comum. É para lá que uma senhora da Pensilvânia vai periodicamente à cata de clientes para o seu Teatro Nu de verão, e é onde um consultor de recursos humanos avalia os candidatos a emprego pelo formato da cabeça (idem, L. 601).

No caso de E. B. White, praticamente não foi uma escolha. Seu envelhecimento e a distância que tomou da cidade são peças-chave de sua nova interpretação, destacada no início deste trabalho como o grande diferencial da obra. O autor insere sua voz como se fosse mais um entrevistado, sem jamais colocar a si mesmo como centro da narrativa.

Em comparação com tempos menos frenéticos, a cidade ficou desconfortável e inconveniente; mas os nova-iorquinos, por temperamento, não são grandes apreciadores de conforto ou conveniência — se fossem, iriam viver em outra parte. A mudança mais sutil em Nova York refere-se a algo de que as pessoas não falam mas que está na cabeça de todo mundo. A cidade, pela primeira vez sua história, ficou destrutível. Uma simples revoada de aviões pouco maiores do que gansos pode rapidamente acabar com essa ilha da fantasia, queimar as torres, desmoronar as pontes, transformar as galerias do metrô em câmaras letais, cremar milhões. A suspeita da mortalidade faz parte de Nova York: no som dos jatos sobre nossas cabeças, nas manchetes pretas da última edição (White, 2002, p. 52).

Embora adote um teor quase diarístico — já que é possível perceber que todo o texto se passa em apenas um dia —, fica explícito que sua participação é como um guia do recorte: a Nova York que vimos e não existe mais. A perspectiva saudosista e crítica de White é um pretexto para falar das mudanças da cidade, denunciá-las e, ao mesmo tempo, iluminá-las. O estranhamento do autor não é de um turista, como poderia ser classificado João Moreira Salles em *Três Corações*, mas sim de um velho conhecido, aquele que não acompanhamos o andar da vida e nos surpreendemos com o que seu futuro reservou.

3. Denominador comum

O estranhamento no olhar é o primeiro passo para a construção de um perfil de lugar porque antecede a sua escrita. É como um pré-requisito. No entanto, não é o único aspecto que parece presente em quase todos os textos. Existem três que decidi destacar como “denominadores comuns”, bases não só do perfil jornalístico, como também do próprio jornalismo literário: pesquisar, observar e saber ouvir. Os elementos me foram apontados por Arthur Dapieve em entrevista, mas são basilares em diversos artigos acadêmicos sobre esse estilo nascido nos anos 1960.

Para fazer um bom perfil (aprendi isso com meus próprios erros) é preciso pesquisar, conversar, movimentar, observar e refletir. Você tem de pesquisar os contextos socioculturais da pessoa; conversar com ela e com os convivas dela; movimentar-se com ela por diversos locais, evitando o simples “de frente” (pingue-pongue trivial transformado depois em texto corrido); tem de observar as linguagens verbais e não verbais da pessoa; e examinar com carinho as reflexões que ela lhe oferece sobre o passado, mas também, e principalmente, sobre a fase atual (Vilas-Boas, 2014).

No que tange o que é “preciso” para fazer um bom perfil, como diria Vilas-Boas, pesquisar, observar e ouvir são complementares. O jornalismo literário, com a folga de produção que os locais de publicação permitem, traz uma abordagem profunda, muitas vezes plural e especialmente ilustrativa do que quer se proponha a escrever sobre. A falta de pressa permite um detalhamento que apresenta um retrato ideológico e visual de tudo, baseado nas muitas informações recolhidas, nos cenários observados e nas diversas pessoas ouvidas. Dessa forma, quando me proponho a entender o que não pode faltar no perfil de lugar, estou apenas reajustando um olhar que já existe em grande parte da academia — mesmo que não seja unânime, como também já indiquei neste trabalho.

Com recursos da literatura, o jornalismo torna o fato não só uma notícia, mas uma história. Contextos históricos se somam a frases mais longas, ideias mais esmiuçadas, mais vozes ouvidas e um combinado dos sentidos humanos: entra a visão, audição, tato e, se tiver espaço, até olfato e paladar. Há uma constante tentativa de aproximar o leitor da experiência do próprio jornalista. Seja em um romance-reportagem, biografia, conto-

reportagem, ensaio-reportagem, perfil, crônica ou carta-reportagem (Passos, Orlandini, 2008), a riqueza na pesquisa, na observação e na conversa enriquece o texto.

Pena entende que o propósito é elevar os recursos do jornalismo superando o que é produzido (e notado) no cotidiano, expandindo a visão de realidade do leitor/ouvinte/telespectador. Enquanto deixa de lado as “correntes burocráticas do lide”, as obras do jornalismo literário podem “garantir perenidade e profundidade aos relatos” (Pena, 2007, p.6).

Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia (idem, p.14).

Vale destacar que a “melodia” é variável. Aponto a pesquisa, a observação e o ato de escutar o lado humano como elementos comuns, mas não de maneiras regradas. Defendo e repito: o jornalismo literário permite tal liberdade no autor que não existe apenas um formato determinado de se construir, apurar ou pensar o texto. Diferente da pirâmide invertida, por exemplo, é claro que podemos encontrar uma definição. No entanto, ela “não é rígida e não veste uma camisa de força” (Dapieve, 2025).

3.1 Pesquisa: entre o fato e a narrativa

O perfil jornalístico, assim como todos os gêneros textuais do jornalismo literário, não pode deixar de lado suas raízes na notícia, no fato e na informação. Mesmo que escritas de formas menos rígidas do que em reportagens, é essencial uma pesquisa profunda do assunto a ser desenvolvido. Desde o início dessa monografia, antes até de começar a escrevê-la, sempre tive na memória um trecho comentado por Dapieve em suas aulas de Jornalismo Cultural na PUC-Rio, no qual ficou claro o quanto criativo o jornalista literário pode ser para transformar dados em narrativa.

Nova York é uma cidade para excêntricos e uma central de pequenas curiosidades. Os nova-iorquinos piscam 28 vezes por minuto, quarenta quando estão tensos. A maioria das pessoas que comem pipoca no Yankee Stadium para de mastigar por um instante, pouco antes de um jogador fazer um arremesso. As pessoas que mascam chicletes nas

escadas rolantes da Macy's param de mascar por um instante, logo antes de descer — para se concentrar no último degrau. Os funcionários que limpam o tanque dos leões-marinhos do zoológico do Bronx costumam encontrar moedas, clipes de papel, canetas esferográficas e bolsinhas de meninas. Todo dia os nova-iorquinos enxugam 1,74 milhão de litros de cerveja, devoram 1,5 mil tonelada de carne e passam 34 quilômetros de fio dental entre os dentes. Todo dia morrem cerca de 250 pessoas em Nova York, nascem 460, e 150 mil andam pela cidade com olhos de vidro (Talese, 2024, L. 115).

A citação acima é apenas uma das muitas “listas de números” que Gay Talese faz ao longo de “Nova York: A jornada de um serendipitoso”. Em diversos trechos, o autor destaca fatos tão aleatórios quanto a cidade que quer descrever e transmite exatamente o que seu recorte pede. Mas não há como deixar de admirar o tamanho de sua pesquisa e a linguagem que utiliza para expressar sua enormidade ou estranheza. Uma reportagem comum poderia dizer que são usadas 680 caixinhas de fio dental, no caso de um Colgate 50m⁹, mas Talese escolheu transformar a numeração em quilômetros. O recurso dá ênfase à informação e até surpreende mais quem lê, além de trazer uma representação diferente, produz uma imagem na mente do leitor: quilômetros e quilômetros de fios dentais esticados.

O detalhamento comprova a profundidade em que o jornalista foi para conhecer a cidade que descreve. Até o próprio Talese defende que, mesmo que haja “uma abordagem mais imaginativa da reportagem” (idem, p.9), “ele [o novo jornalismo] é, ou deveria ser tão fidedigno quanto a mais fidedigna reportagem, embora busque uma verdade mais ampla que a obtida pela mera compilação de fatos passíveis de verificação” (ibidem).

E. B. White também trabalha com diversas informações, mas mais como uma pesquisa história. Sua reflexão sobre o passado destaca mudanças em Nova York que apenas um bom conhecedor poderia apontar. Sem a necessidade de levantar tantas estatísticas quanto Talese, o jornalista mantém o seu passeio pelas ruas como uma forma de resgatar o passado da cidade e compará-la com o presente. A fonte é ele mesmo, e dessa não há motivo para se desconfiar.

Há menos jornais do que costumava haver, graças talvez ao falecido Frank Munsey. Sinto falta do *Globe*, do *Mail*, do *Herald*, e, para muitos nova-iorquinos, a vida nunca mais foi a mesma quando o *World* fechou. A polícia hoje anda em radiopatrulhas, e não mais a pé ao redor do quarteirão, girando os cassetetes. Uma viagem de metrô custa dez

⁹ Disponível em: <https://www.drogasil.com.br/fio-dental-colgate-50m-kit-c-2un-1063540.html>. Consultado em: 27 out 2025.

centavos, e os assentos costumam ser verde-escuros, não mais amarelopálha. (White, 2002, p. 49)

Nos diversos momentos que cita estabelecimentos, pessoas, marcas e endereços, White parece mostrar um levantamento do que teve que se despedir. Enquanto pontua transformações que repara na cidade, o autor também demonstra a extensão de sua pesquisa pelos contextos que adiciona, sempre voltando ao passado para explicar o que pode não ser do conhecimento do leitor. Por vezes, se assemelha com Talese em uma grande lista de números.

A Consolidated Edison Company diz que há oito milhões de habitantes nos cinco bairros de Nova York, e essa empresa deve saber o que diz. Desses oito milhões, dois milhões são judeus — ou uma pessoa em quatro. Entre esses dois milhões que são judeus, existem, como é óbvio, muitas nacionalidades — russos, alemães, poloneses, romenos, austríacos, uma longa lista. A Liga Urbana da Grande Nova York estima que o número de negros em Nova York é de cerca de setecentas mil pessoas. (...) Há hoje muito mais negros do que havia em 1940. Há também cerca de 230 mil porto-riquenhos morando em Nova York. Há meio milhão de irlandeses, meio milhão de alemães. (idem, p. 45)

No caso de João Moreira Salles, os “números” aparecem no formato de depoimentos. São tantas informações dadas pelos entrevistados, que a mera checagem do jornalista se traduz em um extenso trabalho de pesquisa. A organização que ele propôs também faz parte de uma construção de ideia. Da esquerda à direita, do mais velho ou mais novo, dos poderosos aos civis “comuns”, o texto não esconde a apuração do jornalista para encontrar e definir quem são os melhores personagens para representar um retrato político da cidade, sua história e perspectiva de futuro.

A paisagem parece ser essa mesma, assim desde sempre, natural, da mesma maneira que a feiura das nossas cidades – de boa parte delas – já se tornou invisível para quem mora nelas. (...) Comparada ao resto do Brasil, Três Corações é uma boa cidade. Seu Índice de Desenvolvimento Humano é alto, acima das médias de Minas Gerais e do Brasil. O desacerto urbano, essa mistura confusa e malcuidada das coisas, é um retrato não da penúria, mas da prosperidade. “Veja”, diz Lelo de Brito, “a corrupção precisa da ignorância institucional e a ignorância institucional favorece a corrupção. Tem serventia não saber o que é um Plano Diretor.” Três Corações já está no segundo. No primeiro, escrito em 1995, não aparecia o rio Verde que corta a cidade (...) “Ninguém reparou”, diz Brito. “Três Corações é uma cidade que não se conhece.” (Salles, 2018)

A dedicação à pesquisa é parte fundamental da apuração de uma obra que se propõe ao aprofundamento de um recorte sobre algo. No caso dos perfis, entender a alma de uma pessoa ou de um lugar só é possível se o repórter “se predispor a conseguir o máximo de informações possíveis sobre o perfilado, rompendo preconceitos de primeira ordem (todo ser humano é complexo e isto deve ser levado em conta)” (Amate, 2013, p. 48). O diferencial do jornalismo literário é o modo em que se apresenta essas informações. Parte desse trabalho, que passa pelos recursos narrativos “roubados” da literatura, se encaixa com o próximo denominador comum e essencial do gênero: a observação.

3.2 Observação: aproximando o leitor

Os mesmos números, documentos e declarações podem ser parte de textos do jornalismo diário e do literário. Como apontei, o que diferencia um produto do outro é a forma como essas informações são passadas ao leitor/telespectador/ouvinte. Quando se analisam os perfis, contos, crônicas ou outros gêneros do jornalismo literário, é possível perceber que há um cuidado com a “narrativização” da notícia. A implementação de detalhes que jamais seriam parte de reportagens curtas e diretas, do que hoje entendemos como *hard news*, também destaca o uso dos recursos da literatura no jornal.

Ao dar a notícia, o gênero entrega sua apuração de forma extensamente detalhada e narrada justamente pela riqueza visual que o jornalista adquire sobre o assunto principal. Faz parte descrever cenas, vistas, trajetos e decorações de um ambiente, assim como aparências, maneirismos e roupas de uma pessoa. Como aponta Mário Erbolato, o repórter vive o ambiente e os desafios dos envolvidos na história, “mas não pode se limitar às entrevistas superficiais e sim ‘descobrir sentimentos, anotar diálogos, inventariar detalhes, observar tudo e fazer-se presente em certos momentos reveladores’ (Pizano apud Erbolato, 1978, p. 44).

A construção visual, que alimenta a imaginação e a inserção do leitor, é resultado da capacidade do jornalista de observar e reproduzir. Neste momento, se torna mais uma vez explícito o papel substancial do autor em obras do jornalismo literário, que não esconde a inserção de uma visão determinada do tema. Nos textos do estilo, não há tanta preocupação com o distanciamento, a objetividade e a imparcialidade como há no noticiário cotidiano.

Destaque para a invenção do ponto de vista e da voz do narrador, que pode variar entre muitos lugares e personagens da história, bem como para as narrações e descrições impressionistas, capazes de nos transportar, na condição de leitores, para dentro das cenas narradas, como se tivéssemos feito parte delas, nos permitindo recriar movimentos e cenários com alto grau de detalhamento. (Pessa, 2024, p.18)

No que tange os três objetos escolhidos como exemplos da ideia defendida nesta monografia, “Uma cidade exemplar”, “Nova York: A jornada de um serendipitoso” e “Aqui está Nova York”, a observação se faz presente a todo momento. João Moreira Salles descreve não só os detalhes da pequena cidade, mas apresenta seus personagens com diversos adjetivos. Inclusive, por vezes, chega a descrever ações e comportamentos dos entrevistados durante a conversa que teve com eles. O documentarista adota totalmente o estilo narrativo-literário e o transforma em um perfil completo e envolvente sobre a cidade Três Corações.

Após relatar suas conversas com diversos moradores da cidade mineira, o documentarista chega, finalmente, a uma das principais personalidades: o prefeito — mais um indício da liberdade estilística do jornalismo literário, uma figura política de tal importância jamais estaria no pé de qualquer matéria fora da classificação. Com as perspectivas de políticos, comerciantes, estudantes e outros sobre a política da cidade já estabelecida, Salles encerra o texto com aquele que estava no poder no momento.

O jornalista inicia o bloco do personagem já com uma descrição que não tem apenas o objetivo de criar uma imagem na cabeça do leitor. “Uma estrada de terra avança pelo interior de Minas, deixando Três Corações para trás. Morros, vales, pequenas fazendas... No fim da linha, aparece a casa. Antiga, bonita, sólida, dessas do tempo do café, mas pequena, sem luxos” (Salles, 2018). A casa não é do prefeito, mas ele deseja comprá-la. Parece que, mais uma vez de forma totalmente literária, o autor busca indicar um certo isolamento político e geográfico do governante em relação ao resto da população — reforçando outros trechos do perfil em que foi afirmado a ele a profunda separação entre autoridade e cidadãos.

O prefeito Cláudio Cosme Pereira de Souza está à porta. Apesar do calor, veste mangas compridas. Mostra as portas altas, o pé-direito de 11 metros, a louça inglesa das pias, uma saboneteira de bronze. E também o forro comido, as paredes descascadas, as tábuas soltas do assoalho. Caminha devagar, como se suas pernas fossem mais antigas do que ele. Chega à cozinha, onde o esperam a dona da casa, o marido,

a filha pequena dos dois e um corretor de imóveis. “Esse é o Gervásio”, diz, meio a troco de nada, apontando o marido, “ele foi muito bonito, fez pornochanchada e comeu todo mundo.” Gervásio, um homem de 58 anos, parece não se lembrar dessa etapa da vida. (idem)

Em seguida, o jornalista conta, em ordem cronológica, como foi sua conversa com o prefeito. No meio, diz o que outras pessoas da casa faziam e abre aspas para exclamações e comentários da família dona do imóvel. Semelhante a um romance, Salles narra e descreve a cena: a aparência de Cláudio, suas roupas e até a forma como fala. No caderninho do autor, imagino que a caneta penou para acompanhar o número de pequenos detalhes observados.

Quem não se cansa de fazer o mesmo é Gay Talese. Como um dos mais conhecidos jornalistas literários, por ser precursor da dedicação aos detalhes e à narrativa, talvez não haja alguém que represente tão bem o momento em que a observação passou a ser regra dos textos do estilo. Se para perfis de pessoas podemos entender a atenção às vestimentas, ao comportamento e gestual, por exemplo, como descrições que complementam suas apresentações, o mesmo pode ser feito para cidades. O clima, o trânsito, se é mais urbana ou rural, a poluição sonora, visual, seu perfil demográfico, todos são elementos observados pelo jornalista que compõem o retrato. Até mesmo a adjetivação das pessoas é uma forma de caracterizar um lugar, afinal a cidade influencia sua população e a população influencia a cidade.

“Nova York: A jornada de um serendipitoso” analisa os hábitos dos nova-iorquinos integral e profundamente. Coube ao autor observar a cidade e perceber o quão peculiar ela e aqueles que a habitam são.

Quando está quente em Nova York, as mulheres passeiam em vestidos diáfanos, as capotas dos conversíveis se abrem, e veem-se cotovelos fincados como barbatanas nas janelas dos ônibus. Os adoradores do sol se bronzeiam nos terraços dos hotéis e nos bancos da orla, e os peões de obra andam, a passos incertos, no alto das vigas, em mangas de camisa, camisetas ou com o torso nu. O Central Park e a Quinta Avenida ficam cheios de gente que não quer saber de pressa. As pessoas andam na sombra. Elas remam devagarinho no lago do parque. (...) Nas lojas dos bairros, os fregueses comentam o calor usando a frase habitual: “Que calorão, hein?”.

“Que calorão, hein?”
 “É mesmo.”
 “Que calorão, hein?”
 “É...”
 “Que calorão, hein?”

“Sí.”
 “An-ham.”
 “É.”
 “É.”
 “É.”

E por aí vai, dia após dia em Nova York; as pessoas só têm uma coisa a dizer umas às outras. Nova York, como disse Hamilton Basso, é uma cidade de vizinhanças em que as pessoas não têm vizinhos. (Talese, 2004, L. 504-516)

Observar, anotar, narrar e informar. É puramente jornalismo literário. Em qualquer veículo que não circulasse textos do estilo, esses cortes de diálogos jamais entrariam, essas descrições de um dia cotidiano em Nova York seriam resumidas a “clima quente desacelera população e lota orlas” e os cotovelos observados pelo jornalista jamais seriam “barbatanas”. É o denominador comum da observação sendo narrado pela liberdade estilística que o gênero possibilita.

Em “Aqui está Nova York” não é diferente. É claro que em seu passeio pelas ruas que mais conhecia, o resgate do passado e a surpresa com o presente iriam se traduzir em descrições do que mudou visualmente na cidade tão conhecida por E. B. White. Como foi dito antes, o jornalista não abre aspas para ninguém ao montar seu retrato da cidade, por isso, a observação se tornou ainda mais essencial no texto. Quando decide recortar seu objetivo em “o que mudou na minha antiga Nova York?”, o jornalista se compromete com detalhar o perceptível ao olhar.

São sete horas e reexamo um antigo *speakeasy*, hoje restaurante, na rua 53 Leste, com vistas ao jantar. Há uma pequena multidão no bar e o zumbido dos ventiladores só é interrompido pelo drinque que o *barman* sacode na coqueteleira. Está escuro aqui dentro (o proprietário não vê razão para aumentar sua conta de luz só porque as leis sobre bebida mudaram). Escuro, mas agradável, e como são lindos os murais com aquelas cenas de um lago italiano (...) Atrás de mim (...), um jovem intelectual tenta convencer uma garota a ir viver com ele e ser o seu amor. (...) Mas, então, ele tem de ir ao toalete masculino, ela, ao feminino, e, na volta, a argumentação perdeu a força. De novo o ventilador se sobrepõe, e, com o calor e o ar mais relaxado, vêm à memória tantos bons jantares em outros estabelecimentos ilegais, com o mesmo tema do amor, o som da ventilação, a breve ilusão medicinal do gim. (White, 2002, p. 39)

Apesar de não ter falado com o casal da cena, o americano acompanhou a conversa, descreveu o ambiente em que estavam e como se comportaram. Sua observação é destaque do parágrafo e de praticamente toda a obra. Sem ela, talvez o leitor não

entendesse o quanto a “nova Nova York” é estranha para E. B. White. Talvez, sem tamanha ambientação, seria impossível compreender por que o autor vê tantas diferenças. Apenas por meio de suas descrições, “Aqui está Nova York” consegue alcançar o que se propõe: apresentar uma cidade que acolheu um jovem jornalista e já não é mais a mesma.

3.3 Saber ouvir: abraçar o outro

Todos os três textos partem de perspectivas humanas. Uns mais do que outros se apoiam nos relatos de quem conhece a cidade para fundamentar o recorte que querem apresentar. É a partir das declarações que os autores encontram detalhes e curiosidades que talvez não conhecessem por si próprios. Digo isso principalmente sobre “Uma cidade exemplar” e “Nova York: A jornada de um serendipitoso”, já que o discurso direto de personagens não predomina em “Aqui está Nova York” — mas não se engane, ainda apontarei exatamente quem foi ouvido neste caso à parte.

João Moreira Salles poderia ter escolhido diversos gêneros textuais para falar da política tricordiana (ou seja, brasileira). Quando decidiu pelo perfil, foi tomada uma decisão de trazer o sensível e o emocional. Todo texto que se propõe a perfilar algo tem essas características, mas não pode ser superficial ou banal. Existe uma delicadeza no trabalho do jornalista de saber ouvir para captar no discurso do outro aquilo que os toca e pode agregar valor à obra. Por meio dessas nuances, determinadas nas entrevistas e refinadas ao longo do processo de escrita, se apresenta um essencial traço do jornalismo: a humanidade.

Entre os nossos amigos, o assunto que mais rende é o Bolsonaro, a gente se sente ameaçado por ele. (...) Eu me sinto pessoalmente ameaçada porque sou negra, venho da favela, sou mulher, então tudo que ele fala me atinge diretamente. Eu estou numa treta, porque minha família inteira vota nele, pai, mãe, tios, primos. Eles estão na mesma condição que eu, só que de tanto medo de violência, de tanta corrupção, de tanto serem enganados por políticos, eles aceitam o que parece ser mais radical, votam em quem diz que vai resolver as coisas mais rápido. Mas não existe isso de resolver o Brasil do dia pra noite. O Brasil é um país muito grande (Salles, 2018).

O relato da estudante Raquel Stéfani de Souza é para tocar o coração do leitor. O autor fala de sua atuação nas pautas estudantis da cidade, as consequências disso no seu núcleo familiar e o que a política significa para a jovem — na época com 16 anos. O que

conta a estudante emociona e expõe sua perspectiva como jovem negra de família humilde como tantas outras do Brasil. A história de Raquel foi bem entendida e destacada por Salles, que identificou a importância dos medos e das vontades dela no perfil sobre a realidade política do país.

Como diria Pessoa, o jornalismo literário tem a virtude de permitir “que o leitor veja o mundo através dos olhos dos personagens participantes da história” (2024, p.15). Dessa forma, deixam de ser fontes e se transformam em lentes de um cenário: “Significa vê-los como são do ponto de vista humano, ou seja, pessoas como nós, que quando nos dizem algo, o fazem em determinado tempo e espaço, sob circunstâncias específicas — afinal, suas declarações não existem por conta própria” (ibidem).

Gay Talese também trabalha com trechos de declarações para mostrar a participação das pessoas em sua apuração. Nas palavras de Dapieve, “ele é uma máquina de gravar humano” (2025). A serendipidade de Nova York vive nas peculiaridades que seus habitantes contaram ao jornalista e, assim como Salles, ele abre aspas para dar voz aos personagens durante toda a obra. Quando destaco o “saber ouvir”, quero dizer, antes de tudo, que o autor deve ter a sagacidade de ver as entrelinhas nos depoimentos que ouve. Há, em quase todas as pessoas dos três textos selecionados para este trabalho, uma profunda ligação com emoções profundas como medo, expectativa, felicidade e insegurança.

“Em Nova York”, disse o Homem Mais Alto, “sinto que sou alguém. Sinto que tenho que passar uma impressão de prosperidade no metrô, que não posso sair sem paletó e gravata. Sei que todas as pessoas que encontro em Nova York vão ter uma reação positiva ou negativa em relação a mim, por causa do meu tamanho.” O Homem Mais Alto de Nova York tem um sorriso irônico, é extremamente inteligente e tem um senso de humor cáustico. “Nova York”, reflete ele, “é uma cidade movimentada e interessante. Cada dia é um novo desafio — mais um passo para se adquirir uma úlcera. Nesta cidade a gente está sempre esperando o telefonema de algum filho da puta — e ele não liga.” (Talese, 2024, L. 804)

Saber ouvir também é ficar em silêncio, é reconhecer o momento de dar espaço ou pressionar o entrevistado, é mostrar empatia ou identificação mesmo quando não se concorda com o outro. A cumplicidade no jornalismo é essencial para qualquer relação com a fonte e, no trabalho de Salles e Talese, dá para perceber a atenção que foi dada a cada um dos personagens.

Como já dito, E. B. White usou uma metodologia menos convencional para o jornalismo literário como um todo. No entanto, mesmo que tenha usado pouco o discurso direto, ele ainda assim ouviu pessoas. Seria possível dizer que, como o ponto de partida de seu perfil é extremamente pessoal, um dos personagens é o próprio autor. Em nenhum momento há dúvidas de que o recorte escolhido tem origem em sua experiência com a cidade, no entanto, White constrói uma narrativa em que a real lente do texto passa a ser a de qualquer jovem que já esteve ou está em Nova York.

Para além de “ouvir” a si mesmo, é perceptível a intenção de expandir à vivência do outro, mesmo que não seja por uma declaração. Saber ouvir, para mim, não significa entrevistar ou abrir aspas. É uma maneira de entender e abraçar o íntimo humano do outro. Por isso, tendo omitido suas fontes ou simplesmente não tendo nenhuma, o jornalista conseguiu demonstrar outras formas de “escutar” no texto.

Muitas pessoas desprovidas de real independência de espírito precisam da tremenda variedade das fontes de excitação da cidade para seu sustento espiritual e manutenção moral. Na roça, há algumas oportunidades de súbito rejuvenescimento — uma mudança no tempo ou, quem sabe, algo que esteja chegando pelo correio. Mas em Nova York essas chances são infindáveis. Acho que, embora muitas pessoas tenham vindo para cá por esse excesso de espírito (que as obrigou a romper com suas cidadezinhas), outras, da mesma forma, estão por aqui por uma deficiência de espírito e encontram em Nova York uma proteção ou um substituto fácil. (...) E, seja um lavrado recém-chegado da Itália para abrir sua quitanda no cortiço, seja uma garota que deixou sua cidadinha no Mississippi para escapar à indignidade de ter a vida fuxicada por vizinhos, ou um rapaz egresso do mato com um manuscrito na pasta e uma dor no coração, não faz diferença: cada qual abraça Nova York com a intensa excitação do primeiro amor, cada qual absorve Nova York com os olhos frescos de um aventureiro, cada qual gera calor e luz capazes de ananiciar a Consolidated Edison Company. (White, 2002, p.25).

No final, E. B. White não deixa de falar das pessoas e mostrar como, apesar de meros transeuntes, suas atitudes e seus pensamentos compõem o retrato da atual Nova York. Não foi preciso tê-las como “provas” de sua análise da transformação da cidade. Assim, mostra que, tal qual as mudanças físicas de prédios e ruas, o ser humano ainda é um elemento primordial no texto e é causa e consequência da passagem do tempo que o autor busca explicitar.

E. B. White, Gay Talese e João Moreira Salles, cada um com suas particularidades, perfilam cidades por meio de seus habitantes — suas visões políticas,

peculiaridades e relações com o ambiente transformado são centrais nos textos. Sem tomar o protagonismo do real perfilado (Três Corações e Nova York), os habitantes trazem caráter, emoção e sentimentos para o perfil. É por meio deles que os jornalistas conseguem de fato perfilar um lugar, porque, se na premissa do gênero o propósito é criar empatia, é impossível deixar quem vive naquele lugar de fora. Para o bem ou para o mal, são as pessoas que humanizam o perfil e trazem os textos indicados neste trabalho mais ainda para a classificação que proponho.

4. Nós: humanização e personalidade

Ao longo de todo este trabalho, defendi a ideia de que os perfis de lugares são possíveis por terem todos os elementos de um perfil de pessoa, apresentados com o foco em um endereço. Espero ter conseguido provar a base da minha tese ou pelo menos ter gerado alguma reflexão sobre essa possibilidade. Se ainda não surti efeito, este capítulo tem o objetivo de analisar ainda mais os paralelos entre os dois tipos perfis, provando que, com o pluralismo que a união entre jornalismo e literatura permite, as pessoas podem representar um lugar, falar por ele, sentir por ele e ser ele, sem jamais tomar seu lugar. As pessoas podem ser os lugares perfilados sem ser perfiladas.

Qualquer que seja o personagem, não interessa se humano ou não, é o mosaico das histórias humanas que contribui para a composição do perfil, que junta e cimenta “retalhos” de vidas numa história boa de se contar. Não são muros, paredes e edifícios, monumentos e episódios: são os personagens humanos que os veem, vivem, experimentam e dão significados, eles que atraem sobre si o foco de interesse do perfil (Carraro, 2019, p.90).

Separo esta seção para abordar mais de perto a geração de empatia, a humanização e a criação de uma persona para o lugar a partir dos entrevistados que habitam nele. Já me aprofundei no que o jornalista precisa se atentar para chegar a esses indivíduos e como deve se portar para recolher informações suficientes não só para caracterizar o lugar perfilado, como também para enriquecer a narrativa.

Por meio da análise de “Uma cidade exemplar”, “Nova York: A jornada de um serendipitoso” e “Aqui está Nova York”, aponta como nós, cidadãos, somos parte fundamental do perfil de um lugar por darmos a ele a humanidade que lhe pertence, afinal “O ‘sabor’ da narrativa no jornalismo literário derivam fundamentalmente, também, da

humanização que o narrador pratica em relação aos protagonistas (...) Não por acaso, é um dos dez pilares do jornalismo literário, conforme formulação de Lima (2009)” (Pessa, 2024).

4.1 “Uma cidade exemplar”

O propósito que guia o perfil do jornalista João Moreira Salles é a semelhança do cenário político de Três Corações como microcosmo representativo do Brasil. A todo momento, o texto busca fazer paralelos com o país por meio de suas reflexões sociais, suas crises políticas e seus habitantes de diferentes espectros políticos. A intimidade que o leitor ganha com a cidade mineira é consequência da humanização da cidade pelos relatos de seus habitantes.

Para o leitor, simpatizar, detestar, entender ou questionar só é possível se for com outra pessoa (ou ser vivo, mas os perfis de animais ainda não entraram no meu radar). Para trabalhar as emoções, Salles traz relatos que despertam o positivo ou o negativo de quem lê de forma que é quase inevitável passar pelas páginas do perfil sem sentir nada.

De um lado, o âmbito pela mudança de todo brasileiro com uma mistura de frustração e revolta.

Numa socialização às avessas, em que não se distribui a virtude, mas o defeito, a bagunça gestada pela ausência do Estado, tão viva nas comunidades mais desassistidas, é o princípio que também organiza o lugar onde vivem os mais abastados. (...)

“Isso não faz sentido nem dentro da lógica capitalista”, diz Angela Azevedo, apontando as franjas da zona urbana, onde casas de pé, cascas de casa e terrenos baldios ocupam lotes de novos lançamentos imobiliários. “São milhares de lotes vazios, é uma loucura. A cidade está crescendo pouco, boa parte desses lotes continuará vazia. Eles vão ser foco de dengue, de lixo, de criminalidade, de custo para a iluminação pública.” (Salles, 2018).

Do outro, a ironia do poder que abandona e decepciona o povo.

A qualidade da relação com o prefeito é um dos ativos mais preciosos que um empresário ou um artista pode ter. Na briga por verbas escassas, os primeiros levam vantagem. Numa cultura de relações pouco transparentes entre o público e o privado, empresários têm mais a oferecer. Morais conta que a Metástase aconteceu em dezembro, mês de visita a empresas e órgãos públicos para acertar os apoios do ano seguinte. A operação da PF atrapalhou a vida da Viraminas [associação

cultural sem fins lucrativos]. “A gente chegava para uma reunião e ela não acontecia por falta de quórum. Dos participantes, um ou dois tinham sido presos, às vezes três.” (idem)

O coronelismo pode ter deixado a política nacional há algumas décadas, mas a impotência de quem sofre com o descaso político e o egoísmo de quem se beneficia, não.

O mandonismo ainda é a prática comum do exercício do poder tricordiano. “A gente diz que o Cláudio é um coroné”, brinca Prudente, referindo-se ao atual prefeito. E dá um exemplo: “Nós precisávamos de um local para instalar um projeto e fomos até ele. Cláudio foi atencioso, disse que ressolveria. Na reunião mesmo indicou um certo imóvel da prefeitura que podíamos ocupar. Um assessor lembrou que esse imóvel já tinha sido emprestado por ele para outra organização. ‘E qual o problema? Eu dou, eu tiro’, ele disse.” (idem)

Da mesma forma que destaca as angústias de Raquel Souza com a ascensão de Jair Bolsonaro em 2018...

Tanto o pai quanto a mãe, uma cozinheira que hoje é o arrimo da família, já foram entusiastas de Lula. Sobrevieram os escândalos e o pai mudou de campo. “Ele é negro e racista, é pobre e liberal”, diz a filha, espantada. Favelados negros que votam em Bolsonaro a fazem lembrar do frango da Sadia: “Frango fazendo anúncio de... frango”, frango entusiasmado com a própria execução. (idem)

...mostra a esperança da juventude que cresceu com as ideias da direita por receio da corrupção, como Luis Guilherme Miguel de Souza, de 17 anos. O jovem descobriu sua vocação para política no Parlamento Jovem da cidade e na Câmara Mirim. Assim como Raquel, o menino é negro e se apresenta confiantemente como bom aluno, fato que atribui à religião.

Com serenidade e alguma tristeza, revela que o pai é alcoólatra e que um dos dois irmãos está preso por tráfico de drogas. “‘Família bem judiada mesmo. Se eu sou assim’ – regrado, estudioso – ‘é por mim mesmo, não vem de casa.’” (...) Suas convicções políticas o aproximaram de Bolsonaro. “Admirava o Lula, mas os escândalos me decepcionaram muito.” Do candidato do psl, elogia a política do porte livre de armas, pois “hoje é bandido solto e a gente preso dentro de casa”. Também rejeita a política de cotas: “Eu sou contra. Outro dia vi uma foto em que aparecia um advogado, um preso e um policial. Todos negros: é possível escolher o que se deseja ser.” (idem)

Por meio de seus personagens, que são o ponto de partida de toda a narrativa pela semelhança demográfica com o Brasil, Salles humaniza a política enquanto explora todas as suas facetas. Três Corações ganha rostos, ideologias, tristezas, esperanças, receios... Os habitantes são como tantos outros no país que a empatia é automática. A cidade passa a ser como um espelho do que admiramos ou rejeitamos em nós e no outro, mas seus protagonistas não ganham destaque o suficiente para se considerar que o perfil é deles: o seu todo é um perfil da cidade.

Assim como Carraro aponta sobre o livro-reportagem “Casa de Taipa” (Künsch, 2006): “O que Casa de taipa mostra é que ruas, casas, fábricas antigas, um churro, um crucifixo, um gol do Pelé ou qualquer outra coisa – que não é apenas coisa, afinal – ocupa um lugar na história do bairro não pelo que é, mas pelo que significa... para o humano” (2019, p. 89).

4.2 “Nova York: A jornada de um serendipitoso”

Na Nova York “de coisas que passam despercebidas” (Talese, 2024, L. 110); “de anônimos” (idem, L. 353); “de personagens” (idem, L. 566); “de profissões estranhas” (idem, L. 810) e “dos esquecidos” (idem, L. 1253), são as pessoas que atribuem essas características à cidade. O imaginário da “selva de pedras” se expande quando Gay Talese conta de suas descobertas inesperadas e ganha mais personalidade enquanto o leitor conhece seus habitantes.

O jornalista prioriza as perspectivas que usualmente não são exploradas, e o resultado são detalhes íntimos do cotidiano da metrópole, como se fossem segredos de uma pessoa.

“À uma da manhã”, diz ele, “a Broadway se enche de sujeitos presunçosos e de (...) garotos que pegam o carro dos pais e saem para dançar. Veem-se também faxineiras voltando para casa, sempre de lenço na cabeça. Lá pelas duas da manhã, alguns bêbados começam a se descontrolar, e chega a hora das brigas de bar. Às três da manhã já acabou o último show nas boates, e a maioria dos turistas e dos encarregados de compras de outras cidades já está de volta aos seus hotéis. Às quatro da manhã, quando os bares fecham, você vê os bêbados nas ruas — e também os proxenetas e as prostitutas que tiram vantagem dos bêbados. Às cinco, porém, reina a calma quase por toda parte. Nova York é uma cidade completamente diferente às cinco da manhã.” (idem, L. 195-200).

Ao contrário da calmaria da madrugada, a personalidade autocentrada e áspera dos nova-iorquinos durante a rotina agitada da cidade não é estranha para quem ouve falar dela.

“Quando chego num ponto cheio de gente”, continua ele, “a primeira da fila é invariavelmente uma mulher carregada de compras. (...) depois que lhe dou o troco, me pede um bilhete de baldeação de três centavos. Assim, tenho que arranjar troco para ela duas vezes! Claro que quando pede o bilhete de transferência ela sussurra, a gente mal pode ouvir, mas quando ela te xinga, o ônibus inteiro ouve.” “Essas mulheres são tão más”, acrescenta ele, “que em Nova York os homens não lhes dão mais lugar. Eles sempre se sentam no fundo do ônibus e fingem que não estão vendendo as senhoras de pé no corredor. (...) ficam tão preocupados em manter o assento que deixam o ponto passar.” (idem, 418).

Mas, algumas histórias de anônimos brilham como fatos escondidos na grande cidade. E, em certos casos, parecem uma luz no fim do túnel na imagem negativa que alguns podem ter.

Nova York é uma cidade de homens sem cabeça que ficam dia e noite enfiados em guichês de metrô, vendendo bilhetes para pessoas apressadas. A cada dia de semana, mais de 4 milhões de usuários passam por esses homens que parecem não ter cabeça, nem rosto, nem personalidade — apenas dedos. A não ser quando dão informações, seu vocabulário é constituído basicamente de três palavras: “Quantos, por favor?”. Mas na rua 14 há um bilheteiro chamado William DeVillis que se rebela abertamente contra o anonimato. Do lado de fora de sua cabine na Oitava Avenida, ele pregou o cartaz: “Por favor, sorria. Este trabalho já é duro demais”. As pessoas sorriem. Ele dá bom-dia a todo mundo (idem, L. 354).

E nem para quem mora em Nova York a cidade se define como positiva ou negativa. A experiência pessoal muda a visão de cada um e, por meio desses relatos, Talese também humaniza o perfil.

Para algumas pessoas, o que melhor simboliza Nova York é o sorriso de uma aeromoça no aeroporto LaGuardia, ou a paciência de um vendedor de sapatos da Quinta Avenida; para outros, a cidade lembra o cheiro de alho dos fundos de uma igreja da Mulberry Street, ou uma área disputada por gangues de jovens, uma propriedade a ser comprada e vendida por Zeckendorf. Mas fora dos guias turísticos e da Câmara de Comércio, Nova York não é nenhum festival de verão. Para a maioria dos nova-iorquinos, é uma cidade de trabalho duro, de carros demais, gente demais. Muitas pessoas são anônimas, como os motoristas de

ônibus, faxineiras e aqueles pornógrafos que picham cartazes de propaganda e nunca são pegos. (idem, L. 321).

Acima de tudo, por seu estereótipo e por sua realidade, Talese transmite também a ideia de que Nova York é uma cidade de oportunidades e sonhadores.

Nova York é uma cidade de 38 mil motoristas de táxi, 10 mil motoristas de ônibus, mas de um único chofer que tem chofer. (...) Roosevelt Zanders, que nasceu pobre, há 45 anos, em Ohio, sonhava com o dia em que teria um carrão. (...) Dez anos atrás ele já tinha economizado o bastante para comprar um Cadillac. Decidiu se tornar chofer — um chofer de luxo, que realizasse os sonhos e caprichos de pessoas com pretensões de elegância. (...) a certa altura ele já era dono de cinco Cadillacs e de uma próspera empresa que oferecia o tipo de serviço em que ele se especializara. Mas ele ainda não realizara o sonho de sua meninice. Ele queria um Rolls-Royce feito sob encomenda; há três anos ele o encomendou. (...) Forrado com tapetes de peles, o Rolls tem dois aparelhos de som de alta-fidelidade e um macaco do tamanho de um lutador anão. Há noites, porém, em que o sr. Zanders está cansado demais para dirigir. Então Bob Clarke, seu chofer, assume o volante, e ele relaxa no banco de trás (idem, L. 646).

Talese faz de Nova York um organismo vivo que respira através das histórias daqueles que nela vivem e trabalham. Sua escrita transcende os arranha-céus e o concreto para revelar os gestos cotidianos, os rostos esquecidos e os sonhos anônimos que dão humanidade à cidade. O autor desmonta o imaginário frio da “selva de pedras” e mostra que a verdadeira personalidade da cidade nasce do entrelaçamento de vidas comuns, como defende Amate.

O uso das histórias paralelas é de extrema importância para dar movimento e dinâmica ao texto que trata de um objeto inanimado. Sem histórias de pessoas de carne e osso, o interesse e a identificação do leitor se dissolvem com mais facilidade, porque no processo de leitura há uma busca por identificação humana, humanização dos relatos (2013, p. 58).

O jornalista sai das avenidas centrais e percorre suas margens humanas, revelando que o perfil de uma cidade só se completa quando é contado a partir das pessoas que a tornam viva.

4.3 “Aqui está Nova York”

A Nova York de E. B. White não é diferente. Apesar do recorte ser uma constante reflexão das mudanças na cidade e um grande resgate de sua história, são as pessoas que caminham por ela. O autor perpassa os principais aspectos sociais da cidade, desde sua cultura a sua política, com as perspectivas dos nova-iorquinos. Como diria Amate, "muitas das coisas registradas nesses textos são criações do próprio homem, assim se relacionam e (por vezes) se confundem com ele, não em essência e natureza, mas em convivência e cotidiano" (2013, p. 94).

A histeria em massa é uma força terrível e, mesmo assim, os nova-iorquinos parecem escapar a ela pela tangente: viajam sem claustrofobia em vagões de metrô que lembram estábulos; driblam as situações mais assustadoras fazendo uma piada; enfrentam a confusão e a congestão com paciência e fibra — numa luta permanente e a qualquer custo. Todos os serviços são inadequados: os hospitais, escolas e praças são superpovoados, as vias expressas são um inferno (...) Mas a cidade compensa seus riscos e deficiências ao dar aos cidadãos doses maciças de uma vitamina suplementar: a sensação de fazer parte de algo único, cosmopolita, poderoso e sem igual (White, 2002, p. 32).

E, ainda assim, a grandeza da cidade parece cobrir os sentidos dos nova-iorquinos a ponto de se sentirem “pequenos” em sua imensidão. White trabalha, a todo momento, para apresentar o ambiente como influenciador dos padrões comportamentais dos habitantes.

Mas o curioso sobre Nova York é que cada grande unidade geográfica é composta de incontáveis pequenos sub-bairros. E cada sub-bairro é quase autossuficiente. (...) Cada área dessas é uma cidade que fica dentro de outra cidade dentro da cidade. Assim, não importa onde more em Nova York, você terá, no espaço de um ou dois quarteirões, um barbeiro, uma banca de jornais, um engraxate, um depósito de gelocarvão-madeira (onde se escreve a encomenda num bloco afixado à porta), uma lavanderia, um mercadinho (...) Tão completa é cada vizinhança, e tão forte essa sensação de vizinhança, que muitos nova-iorquinos passam a vida dentro dos limites de uma área menor que a de uma cidadezinha da roça. Quando se aventuram por dois quarteirões além de sua esquina, sentem-se em terra estrangeira e pouco à vontade (idem, p. 35).

Mas sempre há aquele que, sendo uma aventura ou não, deixa a pouca vontade ou a estranheza de lado e vê Nova York como um terreno de oportunidades — aos que forem espertos e souberem estar a postos no lugar certo, ainda mais.

Nova York provê não apenas uma contínua excitação, mas também um espetáculo que não tem fim. (...) O Teatro Cort está desovando sua plateia da matinê. De repente, o quarteirão inteiro se enche com a voz poderosa de um cantor de rua. Ele se aproxima, em busca de uma plateia: é um negro forte e risonho, com um perfil de ópera, com a cabeça jogada para trás e enchendo o cânion com sua voz desinibida. Seu único objeto de cena é uma bengala e suas roupas são limpas e simples — calças folgadas, paletó listrado, um dos bolsos contendo um livro. Artisticamente, não podia ter sido mais preciso: a plateia que saía do Cort, onde assistira à peça de Sartre, *A prostituta respeitosa*, acabara de receber uma aula de relações raciais e estava disposta a melhorar as condições de vida da raça negra o mais rapidamente possível. Moedas (quase todas de 25 centavos) cantam ao cair no chão e aqueles poucos minutos de música melhoraram as condições de vida de pelo menos um negro americano em cerca de oito dólares (idem, p. 38-39).

À la João Moreira Salles, White dedica um parágrafo à demografia de Nova York, especificamente sua diversidade. Após um levantamento das raças e etnias — já citado neste texto — o jornalista ressalta a quase impossibilidade de ser preconceituoso. Mas, como nada é impossível, fica na mão de uma brecha legislativa (não mais vigente) permitir a segregação.

A colisão e a mistura desses milhões de estrangeiros, representando tantos credos e raças, fazem de Nova York uma permanente exposição do fenômeno de um mundo único. Os cidadãos de Nova York são tolerantes não apenas por disposição, mas também por necessidade. A cidade precisa ser tolerante, para não explodir numa nuvem radioativa de ódio, rancor e preconceito. Se as pessoas se desviarem, mesmo que por pouco tempo, de sua pacífica interpenetração cosmopolita, a cidade voará pelos ares. (...) O preconceito atua principalmente nas leis habitacionais e nos costumes. Os proprietários de moradias estão legalmente autorizados a não aceitar negros — e fazem isso. Por um recente decreto municipal, no entanto, os edifícios de apartamentos financiados com dinheiro público ou que recebam qualquer isenção fiscal estão obrigados a aceitar inquilinos sem distinção de raça, cor ou credo (idem, p. 46-47).

Em “Aqui está Nova York”, White reforça a ideia de que a cidade é tanto um espaço físico quanto uma extensão da própria humanidade que a habita. Suas ruas, edifícios e ruídos não existem isoladamente — ganham vida porque são atravessados por pessoas, histórias e afetos. Cada esquina se torna um reflexo do modo de ser novo-iorquino: resiliente, irônico, inquieto e plural. A cidade se humaniza à medida que o autor revela o entrelaçamento inseparável entre o homem e o ambiente, mostrando como o comportamento molda e é moldado pelo espaço urbano.

Como sintetiza Amate, “a semelhança entre o homem e as coisas do mundo está na materialidade, na presença e nas características físicas partilhadas no tempo-espaco. E também está na relação homem-coisa, na humanização da coisa” (2013, p. 94). Assim, Nova York, em White, é mais que cenário — é corpo, voz e espelho das múltiplas identidades que a constituem.

5. O detalhe que ninguém inventa

Entre as ferramentas mais potentes do perfil jornalístico — seja o objeto uma pessoa ou um lugar — estão os chamados detalhes que ninguém inventa. A expressão é do professor Arthur Dapieve, que a usou diversas vezes em sala para definir as informações contadas em obras do jornalismo literário que são tão específicas que só podem ser reais.

Algumas vezes, jornalistas compartilham esses fatos curiosos sobre o perfilado como uma espécie de selo de autenticidade, como se buscassem provar ao leitor o nível de dedicação e imersão no personagem. Em um primeiro momento, podem parecer detalhes “não necessários”, que apenas acrescentam um charme à liberdade estilística narrativa. Mas, quase sempre, são pequenos lampejos que revelam, com mais precisão do que longos parágrafos, a natureza de um personagem ou o espírito de uma cidade.

A jornalista Clara Becker, na edição 68 de maio de 2012 da revista *piauí*, escreveu “Tiririca no salão” — um perfil do humorista e deputado federal. O texto traz uma perspectiva do político para além da “piada do Congresso”, e sim como um panorama dos personagens inesperados da política, muitas vezes manipulados pelos “peixes grandes”. Enquanto aborda sua vida pessoal, carreira como palhaço e deputado, Clara compartilha aleatoriamente detalhes que ninguém inventa: Tiririca é apaixonado por sauna e tem uma em todas as suas casas, adorava pirulito e Danoninho, joga vídeo game de madrugada com o motorista da família. O que isso acrescenta ao perfil? Empatia e humanidade. Todos os detalhes trazem o personagem para uma esfera de reconhecimento e identificação, quando o leitor entende que representam, de certa forma, como são símbolos da vida de Tiririca: o quanto o político “subiu na vida” realizando sonhos, sem deixar de ser humilde.

No perfil de Joe Gould “O professor gaivota”, parte do livro “O Segredo de Joe Gould” (2003), Joseph Mitchell também destaca detalhes surpreendentes da vida do

anônimo. Gould sempre comia tanto ketchup nos restaurantes e bares que conseguia comida gratuita ou de graça, a ponto de os garçons terem que esconder o condimento dele. O boêmio dizia que gostava de beber “café de caubói” (forte e sem açúcar) e que não precisava beber álcool para ficar bêbado, só respirar fundo em frente a alguns bares por um tempo. Gould fundou a organização “Amigos pela Libertação da Albânia” depois de se interessar pela política balcã. Seria possível alguém ser tão criativo e capaz de inventar isso sobre alguém? Acredito que não. Mas os detalhes só acrescentam ao já estranhíssimo personagem que é Joe Gould.

Posso ir além. Gay Talese conta em “Frank Sinatra está resfriado” como o cantor tinha o costume de ir à casa da ex-mulher se deitar no sofá, um dos poucos lugares onde sentia ter privacidade (2024, L. 3197); tem uma cicatriz no pescoço porque usaram fórceps no parto dele (idem, L. 3237); abomina ketchup a ponto de jogar um cachorro-quente com o molho na cara da pessoa que lhe deu (L. 3034); e já quebrou uma peça de arte para não deixar uma amiga da filha se sentir culpada por deixar uma outra cair no chão e quebrar (idem, L. 3045). Se parar para pensar, no contexto do perfil, todos esses pequenos fatos carregam um significado.

“Zamariola sai do casulo” é uma reportagem escrita por Dorrit Harazim para a edição 41 da *piauí*, de fevereiro de 2010. O texto, no entanto, tem um perfil do advogado Ricardo Zamariola como seu fio condutor da notícia. Nele, descobrimos que o personagem usava uma mala de duas rodinhas (não tão ruim quanto a de alça, mas não tão boa quanto a de quatro rodinhas dos advogados “tops” de São Paulo); aprendeu inglês com um curso da Globo aos 13 anos; guardava a rolha do champagne que estourou quando conseguiu levar seu escritório para perto da Avenida Paulista; e bebeu do copo errado quando fez sua sustentação oral do Caso Sean Goldman, a quarta sustentação de sua vida e logo no Supremo Tribunal Federal.

Todas essas informações definitivamente não apareciam em textos fora do jornalismo literário. Nos perfis, elas enriquecem as histórias como detalhes que cumprem um papel extra de caracterizar ainda mais seus personagens.

“Detalhes reveladores” trata da minúcia na descrição, do faro aguçado para a observação de aspectos que não são elementos secundários de uma cena, porém ajudam a apresentar personagens, ocorrências, situações e episódios. (...) “Os detalhes reveladores são às vezes pequenas cenas, frases, imagens, coisas que escutamos, vemos, olhamos ou tocamos e que permanecem em nossa memória porque nos

fazem perceber com os sentidos coisas que pensamos ou sentimos e que achamos difícil expressar", explica Herrscher (Herrscher, 2012, p. 34, apud, Pessa, 2024, p.15).

Quando deslocamos esse princípio para os perfis de lugares, o efeito se transforma. O detalhe deixa de servir apenas para caracterizar indivíduos e passa a iluminar o próprio ambiente. Só pode ser considerado um elemento do perfil do lugar se for, de fato, uma curiosidade que agrupa ao recorte do jornalista e não à caracterização da pessoa referida.

Assim como faz em "Frank Sinatra está resfriado", Talese traz detalhes que ninguém inventa para sua Nova York do serendipitoso.

Todo dia em Nova York 90 mil pessoas discam we 6-1212 para saber a previsão do tempo; 70 mil discam me 7-1212 para saber a hora certa, e 650 mil discam 411 quando não sabem para onde discar. (...) A telefonista leva uns quinze segundos para achar o número desejado; (...) Mesmo quando não está trabalhando, ela continua a pronunciar as palavras pau-sa-da-men-te, e às vezes gostaria de conseguir não pronunciar os números assim, qua-tro,

cin-co

se-te

no-ve

Mas não é fácil.

Se ao menos as pessoas se dispusessem a procurar os números dos telefones no catálogo... (...) seu trabalho poderia ser tão mais fácil — pensa ela enquanto joga fora o cigarro e volta para sua bancada para os 4,1 milhões de números de telefone de Nova York e seus psicopatas com fobia de lista telefônica que precisam de números, de respostas, que simplesmente se sentem sozinhos e querem conversar, querem apenas marcar um encontro com a telefonista e seduzi-la... (Talese, 2024, L. 461).

O jornalista povoa a metrópole de telefonistas, psicopatas com fobia de lista telefônica, homens que alugam leões, mulheres que procuram clientes para um "Teatro Nu" e consultores que avaliam crânios. Nada disso poderia ser inventado sem soar artificial. E é justamente na estranheza concreta desses detalhes que Nova York se torna, de fato, Nova York. Talese poderia omitir a telefonista sem comprometer a estrutura do texto. Mas incluí-la faz toda a diferença — ela confirma o recorte, valida a atmosfera e mostra que a cidade não é apenas aquilo que o autor interpreta, mas aquilo que existe, de fato, em sua dimensão humana.

Muitos nova-iorquinos parecem ter apenas um nome, como os barbeiros, os porteiros, os engraxates. Alguns nova-iorquinos vão pela vida com o nome errado — como Jimmy Brioches, que mora na casa defronte à Delegacia de Polícia da Center Street. Quando Jimmy Brioches, cujo verdadeiro sobrenome é Mancuso, era criança, os policiais que trabalhavam do outro lado da rua gritavam para ele: “Ei, garoto, que tal ir ali na esquina comprar café e brioches pra nós?”. Jimmy sempre ia, e logo passaram a chamá-lo “Jimmy Brioches”, ou simplesmente “Ei, Brioches”. Agora Jimmy é um senhor de cabelos brancos que tem uma filha chamada Jeannie. Mas Jeannie nunca teve sobrenome; todo mundo a chama de “Jeannie Brioches”. (idem, L. 326-331).

A lógica é sempre a mesma: aquilo que quase passa despercebido é o que define, silenciosamente, o funcionamento da cidade.

Em “Uma cidade exemplar”, João Moreira Salles jamais poderia imaginar (ou inventar) que Três Corações só virou polo econômico porque um decreto de 1900 obrigou todo o gado de corte do Sudeste e do Centro-Oeste a passar pela cidade antes de chegar ao Rio de Janeiro.

“A cidade se desenvolveu sobre o coronelismo dos fazendeiros”, diz Chediak. “Ouvi da boca de um homem simples uma frase perfeita: ‘Onde entra o boi sai o homem.’ A gente vê isso no filme *Shane* [Os Brutos Também Amam]. O homem que cultiva a terra tem um lugar. Precisa conhecer o chão, saber onde está. O boiadeiro, não. Não quisemos fazer um lugar aqui. A política tricordiana foi criada com essa mentalidade. Política boiadeira. Política classista.” (Salles, 2018)

Outra curiosidade é o comportamento do ex-prefeito da cidade Fausto Ximenes. Ele perdeu as eleições depois que vazou um vídeo de uma reunião sua, com seu vice-prefeito e um jornalista mal falado da cidade, em que tentava comprá-lo para escrever matérias negativas sobre seu adversário político. Depois disso, Ximenes ainda foi um dos presos da Operação Metástase (a Lava Jato tricordiana). O detalhe que ninguém inventa é como ele visto com frequência em “uma sorveteria e, da mesinha na calçada, triste e sozinho, fica vendo a vida passar” — o que diz muito sobre o que a cidade fez do ex-prefeito após os escândalos que se envolveu.

“Aqui está Nova York” trabalha com o mesmo estilo de detalhes que os textos anteriores: comentários e fatos sobre as cidades que enriquecem o perfil, mas são claramente detalhes que ninguém inventa”. Assim como Talese, White fala da Nova York sem tempo, sem espaço, sem harmonia... Em um trecho, destaca uma de suas

características por meio de um breve depoimento sobre a capacidade do nova-iorquino fazer tudo que precisa dentro do próprio quarteirão.

Uma amiga minha mudou-se há pouco de apartamento — uma distância de três quarteirões. Quando reapareceu, no dia seguinte à mudança no mesmo verdureiro em que comprava havia anos, o homem ficou em êxtase — quase em lágrimas — ao vê-la. “Estava com medo”, disse ele, “agora que você se mudou para longe, que não fosse mais vê-las”. Para ele, *longe* eram três quarteirões, ou menos de trezentos metros. (White, 2002, p. 36)

De fato, isso é a epítome do nova-iorquino médio do meu imaginário.

Os detalhes que ninguém inventa são parte da Pesquisa, da Observação e do Saber Ouvir. Apesar de mesclados na narrativa, a ideia de Arthur Dapieve se prova precisa para ressaltar o paralelo entre os perfis de pessoas e lugares. No caso dos humanos, seus detalhes são muitas vezes óbvios na leitura, pois se destacam como informações pequenas ao lado de grandes acontecimentos que mudaram a vida do perfilado. Nas cidades, aparecem de diferentes formas, pela pluralidade dos significados que podem ser atribuídos ao lugar.

Qualquer que seja o objeto central do perfil, funcionam como “*fun facts*”, curiosidades que causam estranheza e empatia, simultaneamente. Nos textos sobre Nova York, escolhidos como objetos desta monografia, encontrar algo que não seja um detalhe que ninguém inventa chega a ser difícil, pois tudo é feito para estranhar. São esses detalhes, irrisórios à primeira vista, que se mostram indispensáveis à compreensão do todo.

Se nos perfis de pessoas o detalhe intimista ilumina o indivíduo, nos perfis de lugares ele expande o território, dando profundidade emocional ao que poderia ser apenas cenário. Assim, o que Dapieve chama de “detalhes que ninguém inventa” torna-se a base da narrativa sobre cidades: pequenos fragmentos que não só provam a imersão do repórter, mas revelam, com precisão irrefutável, que cada grande metrópole é feita e compreendida por seus detalhes.

Considerações finais

Ao longo desta pesquisa, procurei responder a uma questão central: é possível transformar um lugar em personagem de um perfil jornalístico? A partir dessa pergunta

inicial, desdobraram-se outras: quais seriam os elementos necessários para tal construção, qual a relevância dessa abordagem e se já existiriam, na prática, textos que antecipam ou sustentam essa possibilidade teórica. O percurso delineado pelas análises e reflexões confirma que, sim, o perfil de lugar é não apenas possível, mas potente dada a própria natureza híbrida e expansiva do jornalismo literário.

Ao investigar as obras de João Moreira Salles, Gay Talese e E. B. White, ficou evidente que a cidade (ou qualquer espaço) pode, quando observada sob um olhar atento, estranhado e interpretativo, assumir a função narrativa que muitas vezes é atribuída exclusivamente ao indivíduo. Esses autores demonstram que o lugar é capaz de revelar conflitos, hábitos, transformações históricas, tensões sociais e microcosmos que iluminam tanto o próprio espaço quanto a sociedade que o habita. Assim, o objetivo de identificar características que tornam um lugar apto a ser perfilado foi plenamente alcançado: descobri que a peculiaridade, a historicidade, a simbologia e, sobretudo, a presença humana mediada pelo olhar do repórter são os pilares que viabilizam essa ideia de “subgênero”, se assim posso chamar.

Da mesma forma, este estudo propôs descrever como um perfil de lugar pode ser construído, e isso se demonstrou possível ao mapear as escolhas estilísticas e metodológicas que aparecem nos textos analisados. A apuração profunda, o tempo estendido, o estranhamento no olhar e a liberdade estilística confirmam que o perfil nasce de uma combinação entre técnica jornalística e sensibilidade literária. Não há, portanto, uma fórmula a ser seguida, mas um conjunto de princípios: escutar, pesquisar e saber ouvir levam à humanização dos lugares.

Outro objetivo da pesquisa consistia em identificar textos que provam a possibilidade do perfil de lugar. Talese, White e Salles não só produziram obras que se enquadram na lógica do perfil, como também expandem a compreensão do gênero, ao permitir que o cenário deixe de ser mero pano de fundo e passe a ser ele mesmo o eixo que organiza as narrativas humanas. “Uma cidade exemplar”, “Nova York: A jornada de um serendipitoso” e “Aqui está Nova York” funcionam como evidências de que o perfil de lugar já existe, ainda que não nomeado ou sistematizado, e que faz parte de uma linhagem pouco explorada, mas já presente no jornalismo literário.

Ao analisar seus caminhos e resultados reforcei mais um ponto essencial desta monografia: não há motivo para limitar o perfil ao humano individual. Ao contrário, restringi-lo seria contrariar a própria lógica do gênero, que historicamente se consolidou

pela experimentação e pela capacidade de olhar o real por ângulos inesperados. As falas de Arthur Dapieve, entre outras citadas, confirmam que o estranhamento, a curiosidade e a observação detalhada não apenas autorizam, mas convidam o jornalista literário a ampliar o gênero.

Dessa forma, acredito ter alcançado minha proposta maior: demonstrar que perfilar um lugar pode ser compreender que espaços também carregam trajetórias, conflitos, símbolos e vidas — e que podem, portanto, ser apresentados ao leitor como personagens vivos. Ao iluminar essa possibilidade teórica e prática, espero abrir caminhos para um enriquecimento do campo na academia, propondo que novos perfis, de novos lugares, surjam, desafiando limites e, talvez, ampliando horizontes dentro do jornalismo literário. Afinal, basta um jornalista disposto a estranhar e recortar, com paciência para encontrar os detalhes que ninguém inventa e esgotar sua pesquisa acerca do objeto, para tornar um perfil de lugar cada vez mais possível.

Referências

- AMATE, Elisson Tiago Barros. **Perfilar coisas**: o inumano no centro da narrativa jornalística. 2013. 123 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- ANGELL, Roger. Introdução. In: WHITE, E. B.. **Aqui está Nova York**. São Paulo, SP: José Olympio, 2002.
- ARNOLD-FORSTER, Mark. **O Muro de Berlim**. In: LEWIS, Jon E. O grande livro do jornalismo: 55 obras-primas dos melhores escritores e jornalistas. 2. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- BECKER, Clara. **Tiririca no salão**. revista piauí, 2012, n. 68. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/tiririca-no-salao/>. Acesso em: 16 nov. 2025.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- CARRARO, Renata. **Narrar é preciso**: Uma viagem pela teoria e prática do perfil jornalístico. Orientador: Mateus Yuri Ribeiro da Silva Passos. 2019. 330 f. Tese (Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2019.
- CARRARO, Renata; KÜNSCH, Dimas A.; LEMOS, Jaqueline. O berço material do perfil jornalístico. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 17., 2019, Goiânia. **Anais eletrônicos**. Galoá, 2019.
- CHAUVIN, Jean. Ensaio, gênero literário?. Jornal da USP. 8 mai. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/articulistas/jean-pierre-chauvin/ensaio-genero-literario/>. Acesso em: 12 out. 2025.
- COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**. São Paulo: Ática, 1993.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- GUERRERO, Iuri. Plataformas de histórias candangas e concreto. **Campus Repórter**, Brasília: Faculdade de Comunicação UnB, ano 6, nº10, p. 38-47, 2012.
- HARAZIM, Dorrit. Zamariola sai do casulo. **revista piauí**, 2010, n. 41. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/zamariola-sai-do-casulo/>. Acesso em: 16 nov. 2025.

KÜNSCH, Dimas A. (Coord.). **Casa de taipa: o bairro paulistano da Mooca em livro-reportagem**, São Paulo: Editora Salesiana, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Histórias de vida em jornalismo literário avançado**. Campinas, SP: Comunicarte, 2002.

MITCHELL, Joseph. **O segredo de Joe Gould**. Edição Kindle. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2003.

PASSOS, Mateus; ORLANDINI, Romulo. Um modelo dissonante: caracterização e gêneros do jornalismo literário. **Contracampo: Dossiê: Comunicação e Literatura**. Niterói, n.18, p. 75-96, jun. 2008.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto. 2005.

_____. O jornalismo Literário como gênero e conceito. Revista **Contracampo: Dossiê: Comunicação e Documentário**. Niterói, n.17, p. 43-48, dez. 2007.

PESSA, Bruno. TO UNDERSTAND LITERARY JOURNALISM AND ITS MANIFESTATIONS. **Brazilian journalism research**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. e1637, 2024. DOI: 10.25200/BJR.v20n1.2024.1637. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1637>. Acesso em: 23 nov. 2025.

REMNICK, David. **Life stories: profiles from The New Yorker**. Nova York: Random House, 2001.

SALLES, João Moreira. O homem que escutava. In: MITCHELL, Joseph. **O segredo de Joe Gould**. Edição Kindle. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2003.

_____. Uma cidade exemplar. **revista piauí**, 2018, n. 145. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/uma-cidade-exemplar/>. Acesso em: 25 ago. 2025.

SILVA, Amanda. O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro. **Revista Temática**, 2009, n. 10. Disponível em: https://www.academia.edu/5758853/O_perfil_jornal%C3%A9stico_possibilidades_e_enfrentamentos_no_jornalismo_impresso_brasileiro. Acesso em: 31 ago. 2025.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1986. 141 p. (Novas Buscas em Comunicação, 14).

TALESE, Gay. Como não entrevistar Frank Sinatra. In: _____. **Fama e anonimato**. Edição Kindle. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

_____. Frank Sinatra está resfriado. In: _____. **Fama e anonimato**. Edição Kindle. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

VILAS-BOAS, Sergio. A arte do Perfil. In: _____. **Perfis: O mundo dos outros** 22 personagens e 1 ensaio. 3. ed. Barueri, SP: Manole, 2014, p. 271-287. Disponível em: <https://sergiovilasboas.com.br/jornalismo/a-arte-do-perfil/> Acesso em: 21 set. 2025.

WEINBERG, Steve. **Telling the Untold Story: How Investigative Reporters Are Changing the Craft of Biography**. Missouri: University of Missouri, 1992.

WHITE, E. B.. **Aqui está Nova York**. 2. ed. São Paulo, SP: José Olympio, 2002.